JOSÉ FELICIANO

A BANDEIRA NACIONAL

(ESTUDO A PROPOSITO DE UMA CONFERENCIA)

S. PAULO

1907 - 1908

TYP. AUGUSTO SIQUEIRA & COMP.

R. ALVARES PENTEADO, 5-B

A BANDEIRA NACIONAL

JOSÉ FELICIANO

A BANDEIRA NACIONAL

(ESTUDO A PROPOSITO DE UMA CONFERENCIA)

S. PAULO

1907 - 1908

TYP. AUGUSTO SIQUEIRA & COMP.

R. ALVARES PENTEADO, 5-B

PREFACIO

Na Escola Normal, onde em 1893 inaugurei o estudo de astronomia, costumava eu explicar todos os annos a bandeira nacional (1). Em 1904, impensadas, absurdas reformas alteraram ahi o ensino astronomico e conseguiram annullal-o inteiramente.

Foi por esse tempo que veiu á luz uma obrazinha posthuma de Eduardo Prado. Nella se criticava impiedosamente nossa bandeira, como "um conjunto de erros."

Até o anno passado, nunca tive opportunidade para ler e refutar esse opusculo. Em novembro desse anno, pediram meus alumnos que me encarregasse

---

(1) Durante doze annos, tal ensino deu alumnos capazes de substituir o mestre e activos ensinadores da materia estudada. A elles muito deve o conhecimento e a defeza de nosso pavilhão.

Foi uma cadeira, um ensino destes que mereceu os apodos, as reformas que só a ignorancia explica e só tolera a indifferença dos letrados pelas cousas didactico-civicas. E foi tanto mais clamorosa a injustiça quanto a cadeira estava ligada a uma tentativa de observatorio, com mappas, livros, globos, em que seu titular comprometteu economias futuras. O resultado é hoje o seguinte: o Estado mais rico da Republica Brazileira não sabe *que horas tem exactamente em sua capital* E isto porque o *saber* astronomico, em 1904, dependeu do *saber*, da *sancção* juridica de nossos legisladores, de certo alheios ao exacto conhecimento das leis astronomicas.

de fazer uma conferencia para a *Commemoração da Patria Brazileira*. Acceitando a incumbencia e resolvendo synthetizar na bandeira o desenvolvimento do assumpto, li o opusculo de nosso distinto e mallogrado escritor.

Vi então o mau serviço que prestaram á sua memoria, exhumando seu livrinho, escrito em outubro de 1890 e durante doze annos conservado inedito. Era natural que nesse tempo novos estudos, feitos com mais assento, com menos acerbidade critica, o houvessem convencido da fraqueza de suas correcções, em assumpto que não era de sua competencia inteira. Sei que a arideza, a esterilidade das destruições o estavam repugnando e que elle se encaminhava para as sãs construcções da historia, para a reconstituição de nosso passado. Colheu-o a morte nessa phase benefica, sympathica e bem fecunda...

Infelizmente o escrito de combate foi publicado sem opportunidade e sem defensa. Os erros e as desviadas interpretações que ahi encontrei tornaram necessarias muitas referencias ao opusculo. Uma refutação directa ou alongadamente especial fôra improba, fôra desnecessaria, depois da exposição geral que fiz e depois da morte do autor.

Só refutei especialmente um limitado numero de erros e geralmente expuz quanto serve de refutação completa a todas as objecções do malafortunado opusculo.

* * *

Não desejando alongar inutilmente este livrinho, deixei de lado outras criticas feitas ao sagrado sym-

bolo de nossa Patria. O tempo é hoje fertil em criticas de toda especie, e não é com refutal-as em toda linha que a verdade se deve apurar. Melhor será cada qual expor suas razões e deixar que o publico sensatamente as avalie.

A bandeira imperial foi tambem acerbamente criticada pelos proprios monarchistas, pelos mesmos que hoje se rebellam contra o symbolo da Patria republicana. Isso não impediu que aquella bandeira presidisse galhardamente aos bem accidentados, aos gloriosos 67 annos da monarchia brazileira.

Joaquim Norberto e **Candido Mendes** certamente arrependeram-se de haver increpado o "mau gosto," a "infeliz combinação das côres" ou a "má collocação dos symbolos" do estandarte imperial. Os actuaes hypercriticos da bandeira brazileira terão que se arrepender tambem das injustas increpações que assacam ao novo symbolo de nossa Patria.

A Republica presidencial, leiga e progressista, a que o labaro novo preside, já se acha assignalada no mundo como havendo instituido o mais liberal dos regimens para a espiritualidade catholica. Na imprensa do velho mundo, nos pulpitos da França, da Inglaterra nosso paiz tem sido por isso gloriosamente citado, como exemplar modelo ás adeantadas civilizações européas. Assim começa a universal consagração de nossa divisa, que é a fonte desse liberalismo são e generoso.

Si nossos compatriotas monarchistas ou catholicos melhor reflectissem nesses resultados, com certeza fôram mais justos com a legenda que fulgura em nossa bandeira. Ella lhes é propicia, como a todos os bra-

zileiros, e pode mesmo ser traduzida em termos consagrados pela religião de nossos avós. *Ordem e Progresso*, traduzindo *solidariedade* e *continuidade*, é *Pax et Labor*, é *Paz* e *Prosperidade*, é tambem *Caridade* e *Trabalho*, porque os affectos benevolos geram, cimentam a *ordem* social, como o trabalho a desenvolve em um continuado *progresso*.

Assim, adoptando os dizeres de um poeta catholico, desfraldemos

"*A bandeira da paz em prol da Humanidade*;

e contemplemos

"*Na fraternal bandeira a legenda sagrada*,"

"*A historia do porvir—Trabalho e Caridade* (2).

Com estas disposições conciliatorias escrevi meu opusculo, embora não fugisse uma necessaria defeza e uma firme resistencia a menos razoaveis pretensões. Peço ao leitor que o leia com disposições analogas e releve as falhas, que em tempos menos criticos poderiam ser evitadas.

S. Paulo, maio 1907.

José Feliciano.

Endereço: Caixa Postal, 216.

---

(2) BULHÃO PATO.

PRIMEIRA PARTE

(RESUMO SYNTHETICO DE UMA CONFERENCIA)

I

A bandeira é encarnação da Patria

O assumpto desta conferencia é a—*Commemoração da Patria Brazileira.* Não se podia escolher mais nobre assumpto e nem delle se podia encarregar mais cansado expositor, assoberbado por trabalhos multiplos.

Fugirei á praxe do discurso escrito e farei uma palestra civica. Ha um anno, em Pariz, no *Hôtel des Sociétés Savantes*, tratei o mesmo assumpto e tive occasião de o resumir em nossa bandeira, que foi então chamada—*un drapeau merveilleux*—por algumas pessoas competentes. Resumirei, pois, na bandeira o que em synthese devo dizer da Patria Brazileira, e espero entremostrar:

1.°) Como a Patria se encarnou em nossa bandeira; 2.°) Como nossa bandeira é em verdade maravilhosa; 3.°) Como até os competentes devem evitar criticas á Patria e devem eleval-a antes de tudo.

.˙.

Bandeira é symbolo. Symbolo é signal de affeição, de reconhecimento, de cooperação social, confórme o sentido dessa palavra na civilização grega. Bandeira implica, pois, condições de união no presente e de ligação ao Passado,—condições de solidariedade e de continuidade. Dahi vem nella encarnar-se a Patria; dahi a idolatria, o fetichismo que ella desperta.

Nosso «auriverde pendão encerra a luz do sol e as promessas divinas da esperança», desde a bandeira imperial. O rectangulo verde e o lozango amarello foram sempre conservados. Só as armas mudaram com a transformação do regimen. Mas a mudança não foi radical.

Havia uma orla azul, pontilhada de estrellas brancas, a cingir uma aurea esphera armillar, atravessada por uma cruz. Tudo isto estava num escudo verde, sobrepujado pela coroa imperial e ladeado por dois ramos de café e tabaco. A orla azul, estellar, distendeu-se, alargou-se e cobriu a esphera armillar, conservando-lhe a faixa, que se tornou translucida.

As estrellas se dispozeram em nova ordem, consoante as novas symbolizações que iam apresentar, e formaram o céu de nossa Patria. Dizem que este céu está errado, porque não é projecção que se possa ver direita. Mas a projecção direita, no horizonte, só fôra possivel para os antipodas ou para os peixes, que vissem o céu atravez de uma superficie aquosa...

Nessa bandeira, tal como está, resumirei a Patria Brazileira com estes trez aspectos:

1.°) O theatro e as fontes da civilização de nossa Patria;

2.°) A evolução da Patria Brazileira até á Republica;

3.°) A instituição da Republica em seu aspecto mais caracteristico.

E, como conclusão, veremos ahi tambem o futuro do Brazil, o futuro de sua civilização.

II

O theatro e as fontes da civilização brazileira

1.°)

Antes de tudo temos ahi a posição astronomica da capital republicana e seu districto. E' a pequena estrella abaixo do Cruzeiro, a *sigma* do Oitante, a nossa polar, que nos dá a latitude do Rio (22°54. ')

Todos os que sabem como é a altura do polo que dá a latitude geographica, vem nessa projecção da estrella polar a referida latitude (a *sigma*, σ *Octantis*, dista do polo só 45', ou $^3/_4$ de grau). Tambem a longitude ahi está, desde que se saiba que o Cruzeiro passa pelo meridiano do Rio a 15 de novembro, approximadamente ás 9 horas da manhã.

E, finalmente, a visibilidade do céu, figurado na bandeira, caracteriza o Brazil inteiro (de 5° 1/6 de Lat. N. a 33° 3/4 de Lat. S. e de 37° 1/6 a 76° 1/2 de Long. O, meridiano de Paris).

2.º)

Mas até a geographia physica ahi se póde assignalar.

O Amazonas, o *equador visivel*, corre em direcção que nos é lembrada pela faixa da bandeira. O clima nosso, ligado á posição astronomica, e nossa natureza viridente, nossa primavera constante, estão ahi symbolizados na predominancia do verde.

Esse aspecto desde logo impressionou os que primitivamente vieram aqui trazer os germens de uma civilização nova. Pero Vaz de Caminha diz que «a terra é em tal maneira graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nella tudo por bem das aguas que tem». Amerigo Vespucci logo depois accrescentou: *Se nel mondo è alcun paradiso terrestre, senza dubio dee esser non molto lontano da questi luoghi* (1).

3.º)

Os povos selvicolas, que foram as bases locaes da civilização aqui implantada, achavam-se no periodo da astrolatria, que as estrellas, o céu da bandeira symbolizam claramente (até mesmo porque são objecto de nossa adoração actual).

A *Canopus*, que ahi brilha, lembra o piloto de Menelau ou da civilização egypcia, e bem póde symbolizar os novos argonautas que aportaram ás nossas plagas. Mas, para representar os portuguezes, bastam na bandeira suas côres nacionaes, já cantadas nos

(1) *Apud Le Brésil*, par LEVASSEUR e segundo nosso eminente RIO BRANCO. Póde-se ler na carta a *Laurentio Peter Francisci de'Medici* (Bib. Nac. de Paris, fac-simile de 1887 e nota—*Circa* 1502).

Lusiadas (e não decretadas em 1830, como se pretende no folheto de. E. Prado).

Além das côres, ahi está lembrada a esphera armillar que em 1482 D. João II deu por divisa a D. Manuel, em cujo reinado a evolução portugueza revelou ao mundo a existencia da terra brazileira. O mesmo Cruzeiro lembra o nome primitivo da terra de Santa Cruz, e está ligado aos estudos do astronomo Mestre João, da armada de Cabral. Elle o descreveu a D. Manuel, em carta de 1.° de Maio de 1500 (mais uma refutação a outro ponto do precitado folheto).

O Cruzeiro substitue ahi a cruz de Christo da bandeira antiga, e com reaes vantagens. Esta cruz já fôra expellida das quinas portuguezas em 1485, por D. João II, que a substituiu por uma cruz de escudos e de moedas. Nossa substituição foi mais nobre: por uma cruz da terra—mui nobre e veneranda,—démos uma cruz celeste, sem duvida mais elevada, mais excelsa e maravilhosa.

III

A evolução da Patria Brazileira até á Republica

1.º)

O Brazil colonial está lembrado pela esphera celeste, que se liga directamente á esphera de D. Manuel, dada como armas ao Rio de Janeiro ou ao Brazil, quando principado. O Codigo das Posturas do Districto Federal a manteve, com as mesmas trez settas, em aspa e em pala.

Mais ainda: a bandeira que o folheto de E. Prado apresenta como a do Brazil colonial, tem justamente um pequeno globo azul (symbolo imperial), cortado por uma faixa, como na bandeira republicana. As côres —o branco e o azul—ahi estão a lembrar «o branco escudo» e «os cinco escudos azues esclarecidos», que symbolizam a bandeira portugueza desde Affonso Henriques ou desde D. Sancho. Camões as descreve no canto III dos *Lusiadas*.

2.°)

O Brazil-reino teve por armas uma esphera de ouro em escudo azul (dec. de 13 de maio de 1816). E o Brazil-imperio adoptou a esphera, com a bandeira que atraz descrevemos.

Basta contemplar nossa bandeira e ler o dec. de 18 de setembro de 1822, para ter a lembrança inteira do Brazil-imperio,—nos quadrilateros, nas côres, na esphera, no uso das estrellas para symbolizar as provincias e os Estados. E os ramos de café e tabaco?

Quanto ao ultimo, não é aqui, a um auditorio escolar, que devo explicar a suppressão de tal symbolo: elle representa um vicio que os professores têm obrigação de extirpar em seus alumnos. Mas, além disso, o citado decreto, *na propria côr* de taes ramos, queria symbolizar a riqueza commercial do Brazil. Ora a côr inteira de nosso pavilhão ahi está para symbolizar a industria viva e a morta,—as virentes plantas, as manufacturas e até nosso ouro fugidiço (2).

---

(2) J. Norberto (*Rev. do Inst.*, tom. 53, pag. 250) já dizia: "como emblema do commercio, não são apropriados. Representa um delles um vicio e outro uma planta exotica, embora nos tenha enriquecido." Um illustre engenheiro da Republica disse tambem syntheticamente: "O fumo symboliza um vicio e o café recorda a escravidão." Não se comprehende por isso o mau gosto de se ladearem as armas do Governo Provisorio com tão feios symbolos. Candido Mendes (*Apud* J. Ribeiro, *Autores contemporaneos*) tambem acha que «foi infeliz a combinação das côres de nosso estandarte e por ventura a das plantas que o floreiam." Prefere á "planta exotica" o pau brazil, o *ibirá piranga*, cuja côr devia predominar no estandarte e cujas folhas deviam "enramar o escudo nacional."

Como se vê, a bandeira da Republica herdou as criticas da bandeira imperial. E' nosso destino malbaratar nossas instituições e symbolos civicos, qualquer que seja o regimen dominante. Parece um triste desfastio, mas é sobretudo uma falha sensivel de nossa educação politica, de nosso civismo.

3.º)

Mas essa esphera, dizem, é bola, não tem legitimidade heraldica.

Essa heraldica já deu que fazer a Garcia de Rezende e a D. João II, na mudança da primitiva cruz de Aviz, que D. João I enxertára na bandeira portugueza. Essa pretensa arte ou sciencia é um pretexto, porque admitte, tem que admittir tudo quanto a realidade lhe impuzer.

E' assim que admitte bezantes, *roeis* ou *arruellas*, isto é, bolas, bolos (*tourteaux*, *tortas* ou *tortinhas*) e até... até pelotas ou redondas pillulas, como vemos em Florença, nas armas dos Medici, cuja nobiliarchia está comprovada na grandeza dessa admiravel capital da Renascença, na sempre florida *Firenze*... (3).

(3) V. o Conde G. Guelfi, *Vocabulario araldico*, 193. Ahi se diz que os Medici usavam em campo de ouro 6, 7 e 8 pélas, balas ou bolas (*palle*) vermelhas (góles) em cinta ou orla. Reduzidas a 5, juntou-se mais tarde no chefe do escudo uma *bola azul* (azul como a *esphera* de nossa bandeira).

IV

A instituição da Republica

1.°)

Já vimos que o Cruzeiro ahi está, quasi no ponto de fazer soar a hora da proclamação da Republica.

O cortejo de astros, de constellações que o acompanham, ahi se acha a testemunhar o acto solenne e ahi estará eternamente, em cada dia 15 de novembro. E toda a bandeira é o resultado do novo regimen. Onde uma symbolização mais integral, mais perfeita?

Mas a legenda—*Ordem e Progresso?*... E' outro resultado directissimo do 15 de Novembro. E' o que é: — um elemento historico, tal como a Republica, geralmente acceita. Os que pouderam fazer a Republica fizeram com ella a bandeira. Esta symboliza, portanto, os elementos dominantes na occasião.

Mas é obra dos positivistas?! Sim, ella havia de ser obra de alguem, e os positivistas, como os demais cidadãos brazileiros, têm o direito de cumprir com seus deveres civicos. Ora, um alto de-

ver civico é concorrer para formar o bello symbolo, a excelsa bandeira de seu paiz. Foi o que fizeram os positivistas: resta demonstrar que esse concurso, essa legenda representa um mal.

Já na esphera de D. Manuel havia uma faixa com legenda, tal como se vê na esphera republicana (4). E D. João II, o dador de tal esphera, adoptou em suas armas o motto—*Pola Ley e pola Grey*. Pois tudo isso perfeitamente se coaduna com a legenda nossa, assim na forma como no fundo. *Ordem* é o *arranjo* social, que antigamente era um *mando* real, um *decreto*, uma *lei*. *Progresso* é o desenvolvimento desse *arranjo*, da *sociedade*, da gente unida, concorde,— da *grei humana*. (*Lex*, *legis*—ligação; *grex*, *gregis*—rebanho unido, congregado).

Resta saber agora si o que desejam é o *regresso* e a *desordem*. Ou si, para adoptar um uso bom, é preciso que nos venha de fóra um modelo acabado, imposto, como as modas... E' por isso que depois ganhamos fama de imitadores servis ou de representantes dos antepassados... de Darwin.

2.°)

Ordem e Progresso, inscrita na faixa planetaria, indica a base indestructivel de toda a evolução, desde as immodificaveis, as fixas situações e leis astronomicas. E' isto que explica a evolução para a Repu-

(4) E' o que se deprehende da gravura que vem no *Album do Centenario*, Lisboa, 1898. E é o que legitima a historia desde os romanos, que symbolizavam no globo a soberania imperial. A heraldica, na idade média, o consagrou: *brazona-o* quasi sempre de azul, sobre prata, e cingido pela faixa. E' esse globo que encima a coroa na bandeira antiga. (V. *Larousse Illustré*, in v. *Globe*).

blica, em que nós soffremos influições universaes, da França e dos Estados Unidos, no fundo e na forma de nossas instituições.

Nunca tivemos monarchia assentada em seus caracteristicos reaes de *inviolabilidade* e *hereditariedade.* Isso mesmo lembra a bandeira na esphera de D. João VI e de Pedro I. Um tentou em bem o novo reino, que é *obrigado* a deixar sem o transmittir a seu *herdeiro.* Outro dignamente rebellou-se, deu-nos côres nacionaes e foi *obrigado* a abdicar, sem que directamente legasse o imperio a seu *herdeiro.*

Por sua vez, essas côres, esse symbolo do imperio, lembram que o derradeiro monarca tambem não poude manter inalteraveis os principios reaes da inviolabilidade e da hereditariedade. E não os poude manter, porque a evolução humana já tinha eliminado taes principios.

Ahi está explicado porque tudo fizemos com vivas, com flores, com festas. Não ha necessidade de explicar o facto, deprimindo o povo brazileiro. Já o mesmo se déra com a abolição e o mesmo vamos ver que se deu com a instituição mais caracteristica da Republica.

3.°)

Sem a separação da Igreja, era impossivel assentar o novo regimen fóra das prerogativas monarchicas, fóra do inviolavel, do sagrado, do hereditario.

Era a união do poder divino que parecia dar ao poder humano essas retrogradas consagrações. E emquanto tal união se mantivesse, o novo governo não

apresentava garantias em verdade republicanas. Napoleão, quando quiz *imperializar-se*, forçou indignamente o pobre Pio VII a emprestar-lhe os ficticios attributos da realeza, numa sagração abominanda e sem efficiencia moral.

Essa indispensavel separação fez-se harmonicamente e está caracterizada na bandeira. Como no caso anterior, não havia raizes que difficultassem essa operação social.

Nunca houve entre nós fanatismo religioso e perseguições inquisitoriaes. Houve perseguições politicas, ou politico-clericaes, partidaristas. Os que hoje nos atacam, em nossas opiniões, isentas de theologismo, o fazem mais por amor á conversa contraditoria. Nunca se respeitou fanaticamente o nosso clero. Bispos foram presos sem respeito a seu sagrado ministerio e á inviolabilidade de suas prerogativas. A toda hora, nos vehiculos publicos, o sacerdote era olhado como *azar*, como *jettatura*...

O povo, em seus rifões, é feticho-catholico: acha que—*Deus é grande, que se deve confiar na Virgem;* mas, quando se vê em aperturas, em perseguições policiaes, alvitra espontaneamente que o *matto é maior* abrigo e que as pernas foram feitas para *correr*... E' o ponto de vista humano, fetichista que domina..

Eis porque tal separação tambem se poude fazer com festas e flores. Ella está symbolizada no Cruzeiro, que na bandeira substitue o *lignum vitæ* da Terra, o signo temporal, pela cruz do céu, symbolo scientifico, espiritual, que é admirado por todos os crentes e mesmo pelos descrentes quaesquer.

As instituições theologicas são assim respeitadas, porque se conciliam com os verdadeiros interesses da Humanidade, que as systematizou.

Até os fetichistas, os habitantes das selvas, os gentios vem no symbolo novo um elemento de coordenação social e delle se servem usualmente em sua civilização rudimentar (5). Desse modo, realmente, todos somos irmãos, com as mesmas crenças praticas, com os mesmos ideaes humanos.

---

(5) *V.* HUMBOLDT, *Cosmos, II:* os primeiros colonos da America e seus descendentes continuaram a servir-se do Cruzeiro, "á guisa de relogio celeste".

V

O futuro da civilização brazileira

E agora concluamos com ver nesse admiravel symbolo os acenos que nos guiam a um risonho, a um altanado porvir de verdadeira civilização.

Os tempos estão maduros para o implemento de uma civilização inteiramente pacifica, moralmente industrial. Estão cheios os museus das provas de nosso progresso; as cidades confortaveis são numerosas e regorgitam do que mais e melhor concorre para uma vida de paz, de affeição, de união social. Fôra um abominavel crime soprar entre os povos o ardor da discordia, para destruir em pouco tempo tanta riqueza, accumulada para o bem de todos.

Nossa constituição proscreveu as conquistas e diz que nossa bandeira só deve proteger as emprezas pacificas, só póde arvorar-se nos certamens da industria, nos congressos, nas exposições, nas festas escolares.

Imaginei uma quadrupla alliança defensiva, quando em Pariz tratei, em minhas conferencias, do que então chamei—*monroismo defensivo* ou *pacifico*. Nella

entravam a Argentina, o Chile, o Brazil e o Mexico. O movimento de fraternidade sul-americana, que os Estados Unidos do Norte querem agora mais favorecer, levar-me-ia a imaginar uma quintupla alliança pan-americana. Mas, para isso, é mister continuar em factos o bellissimo trabalho de congraçamento, de união americana, conforme transpareceu theoricamente nos admiraveis discursos do sr. Root.

O sereno, pacifico aspecto de uma bandeira, que recorda a placidez do espaço celeste e a calma, invariavel gravitação dos astros congregados, — é essencialmente proprio a nos acenar com um futuro cheio das glorias de uma evolução beneficamente industrial.

Ordem e Progresso — estão ahi perpetuamente realizando os habitantes da zona planetaria, onde brilha a legenda, com as côres da esperança sobre a alvura da innocencia e da serenidade immaculada. A estrella *Spica*, um pouco deslocada pela faixa, como que avança para nos guiar, á maneira de uma nova estrella dos pastores, dos pastores de *greis* pacificas, sujeitas ás *leis* mais humanas de uma nova ordem para um progresso novo...

E' já um labaro sagrado que presidiu a dezesete annos de nossa evolução. Em suas dobras já se envolveram os despojos venerandos de tantos proceres de nossa Patria, que no Passado estão, como nossos Manes veneraveis, a nos estimular no caminho do porvir... Nella nos envolvamos por nossa vez, sem criticas desnecessarias, inconcludentes, e realizemos suas aspirações. Façamos melhor, si pudermos. Amemos sempre nossa Patria, ensinemos a amal-a cada vez mais e sempre trabalhemos para seu engrandecimento.

SEGUNDA PARTE

(NOTAS ANALYTICAS A UMA CONFERENCIA)

I

A bandeira portugueza

. . . .
Aqui pinta no **branco** escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos **azues** esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deus fôra vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta
Daquelle de quem foi favorecido:
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assim fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco **azues**, que em cruz pintando veiu.

Camões, *Lusiadas*, III, 53 e 54.

. . . . Como as sete
Aureas torres no escudo lusitano
D'emtorno ás santas Quinas se juntaram ?

Garrett, *D. Branca*, I, 16.

A bandeira portugueza é constituida pelas armas dos castellos e quinas (*quini*, *quinque*,—nos cinco escudetes azues), sobrepostas a um rectangulo, bipartido

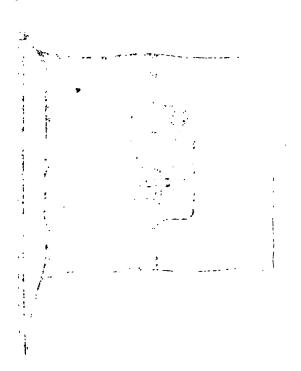
verticalmente, em pala, em duas metades — uma branca e outra azul. Esse é o pavilhão do commercio : o pavilhão real tem o rectangulo inteiramente vermelho.

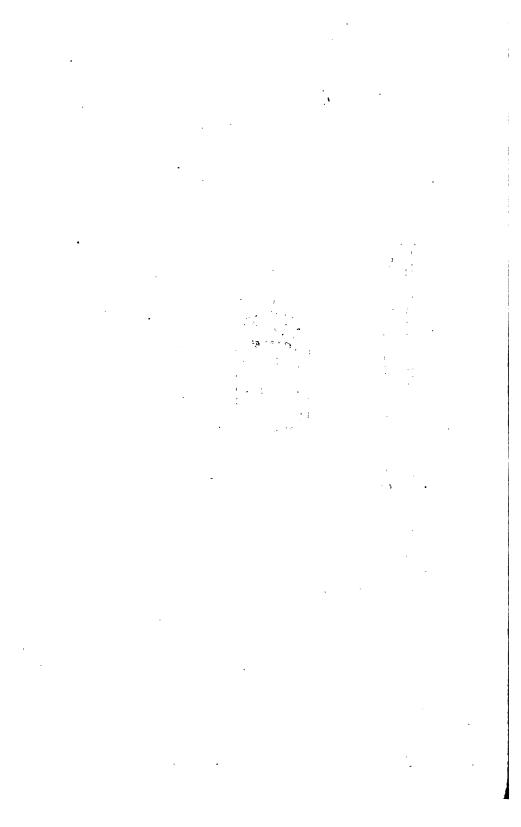
As armas, desde 1485 (Vide GARCIA DE REZENDE e RUY DE PINA), são um escudo branco sobreposto a um vermelho e rodeado de sete castellos. No escudo branco (este do sec. XI) estão os cinco escudetes azues, dispostos em fórma de cruz (e não em aspa, como vêm no opusculo de E. Prado). Em cada um dos escudetes estão os cinco bezantes, as *quinas*, na forma descrita pelas estrophes de Camões.

O vermelho do escudo maior é côr do Algarve, com seus aureos castellos. Ainda hoje a bandeira e armas da Turquia são em campo inteiramente vermelho, onde se desenham o crescente e uma estrella de prata.

Foi Affonso III que, em 1268, sobre esse escudo collocou o de Portugal, dispondo em torno os castellos, que foram successivamente reduzidos a oito e sete por Affonso IV e D. João II. Este tomou por divisa—*Pola Ley e pola Grey*. Esse motto liga-se perfeitamente ao nosso—*Ordem e Progresso*, e os castellos de ouro, por sua vez, têm sua côr em nosso lozango.

São tantas as falhas, os enganos do folheto de E. Prado que confirmam largamente o que eu disse no prefacio : a publicação desse livrinho foi um mau serviço que prestaram á sua memoria.

Elle talvez não quizesse publical-o, e o conservava inedito havia já uns 12 annos, quando a morte o surprehendeu no melhor de seus afans.

BANDEIRA PORTUGUEZA

* * *

Leia-se o III vol. dos *Opusculos* de HERCULANO, leiam-se as *Chronicas* de GARCIA DE REZENDE e de RUY DE PINA, leiam-se os commentarios de GARCEZ aos *Lusiadas* (em 1731) e se verá como as côres nacionaes de Portugal sempre foram o azul e o branco. Não ficaram taes depois de um decreto de 1830, como pretende o opusculo de E. Prado.

A autoridade de E. Prado está vogando para increpar nossa bandeira de um tão vulgar erro historico. Junto por isso, ao de Camões, esta meia duzia de testemunhos, para provar que o azul e o branco sempre foram as côres nacionaes de Portugal:

1.º) Os mais antigos chronicons, em que se narra a famosa batalha de Ourique,—donde veiu a lenda que o Camões descreve,—são dous do meado ou fins do seculo XV. A. HERCULANO publicou-os no *Portugaliæ Monumenta Historica*, vol. I, pag. 26, e parece que uma compilação da mesma epoca lhes serviu de fonte, ou dos chronicons tirou a mesma narrativa. No primeiro chronicon,—o que parece baseado em documento mais antigo,—e na compilação vem igualmente descrito o pendão de Affonso I, segundo a forma que nos dão as oitavas de Camões.

2.º) OLIVIER DE LA MARCHE, em suas *Memorias* (*apud* HERCULANO), escritas por 1492, assignala as diversas transformações por que passou o brazão d'armas de Portugal. Antes de tudo refere que o conde Henrique tinha um escudo branco. A. A. TEIXEIRA DE VASCONCEL-

LOS, diz em seu livro *Les contemporains: Le Portugal et la Maison de Bragance: "Le comte Henri ne portait qu'une croix d'azur."* O escudo que nessa obra vem é de prata e carregado com uma cruz em aspa. Olivier, em segundo lugar, descreve a reforma de Affonso I, que poz (?) no escudo *branco* cinco escudetes *azues*. Quanto aos bezantes ou arruellas, como impropriamente lhes chama Herculano, conta Olivier uma inverosimil historia para explicar sua adjunção em aspa. A bordadura (e não orla) do escudo vermelho, em que estão os castellos, foi D. Fernando (?) quem a accrescentou. Finalmente D. João I fez a quarta alteração, juntando ás armas portuguezas os braços floreteados da cruz de Aviz (que era verde, segundo refere Garcia de Rezende).

3.°) RUY DE PINA e GARCIA DE REZENDE referem que D. João II, em 1484-1485, tirou a cruz verde da ordem de Aviz e endireitou os dous escudetes lateraes, que estavam "atravessados," horizontaes, o que "parecia cousa de quebra." A cruz heraldica dos escudetes (e não em aspa, como a dos bezantes) (1), ficou então perfeita e capaz de substituir a virente cruz de Aviz. Eis ahi como uma cruz de escudos e de moedas substituiu, *para um Rei catholico*, uma cruz de Christo. No caso de nossa bandeira, como já vimos na primeira parte, foi uma cruz do céu que superou uma cruz da terra.

4.°) IGNACIO GARCEZ FERREIRA, em seus eruditos commentarios aos *Lusiadas*, publicados com o

(1) E' nisto que estão positivamente erradas as duas estampas do livro de E. Prado.

poema em 1731 e 1732 (Napoles e Roma), confirma a descripção de Camões. Ahi se diz que D. Sancho (1154-1211) variou o complicado brazão de Affonso I. Essa modificação, no fundo, era a eliminação de uma cruz, de uns cordões e bezantes em cercadura, como vêm nas gravuras do citado livro de TEIXEIRA VASCONCELLOS. Affonso III (1210—1279), quando ganhou o Algarve, — que tinha por armas um escudo vermelho semeado de castellos de ouro, — poz sobre este o escudo de Portugal, em modo que o cercavam os aureos castellos (em numero de dezoito, diz T. VASCONCELLOS) (2). Affonso IV (1291-1357) os reduziu a oito; "e, por ultimo, D. João II, a sete, tomando tambem por empreza um pelicano ferindo o peito para sustentar com seu sangue os filhos, e este motte: *Pela Lei* e *pela Grei*."

5.ª) A esses testemunhos, que já passam de meia duzia, accrescentarei um legal e sanccionado pelo antigo presidente do Instituto Historico, Commendador JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA. Apezar de sua conhecida fidelidade monarchica, o Commendador J. Norberto criticava o "mau gosto"

---

(2) A' cercadura dos castellos Herculano denomina *orla*, mas os heraldicos lhe chamam *bordadura*, para distinguil-a da *orla* que não toca nas *bordas* do escudo. Segundo T. VASCONCELLOS (op. cit., 517), foi realmente Affonso III—o Bolonhez,—e não D. Fernando, quem guarneceu o escudo com a bordadura em góles, carregada com dezoito castellos de ouro, para representar as fortalezas do Algarve e o sangue vertido ao expugnal-as. O testemunho de Garcez é mais explicito e verosimil.

O escudo de armas de Affonso Henriques, segundo uma gravura da obra de T. Vasconcellos, era composto de dezenove escudetes, diversos em tamanhos e todos ellipticos. Em cada um destes havia treze (?) bezantes, e o conjunto se ligava por uma serie de cordões ou torçaes a cruzar-se em aspa ou a girar em cercadura. E' um brazão irregular, *à enquerre*, pois no tempo de Affonso I a heraldica lançava ainda seus fundamentos como arte graphica, como linguagem symbolica·

e "má collocação" dos symbolos da bandeira imperial. No estudo que publicou na *Revista* (tomo 53), encontro á pagina 244 esta nota : "... o laço portuguez foi creado pelas côrtes portuguezas, por lei de 23 de agosto de 1821, sanccionada por D. João VI. Era formado *das côres* AZUL e BRANCA, *por serem as da divisa da nação desde o principio da monarchia.*"

Esse era o tope que D. Pedro I, nas margens do Ypiranga, arrancou de seu chapeu, segundo narra o Major Canto e Mello, testemunha occular (*Revista do Inst.*, tomo 41). D. Pedro I, ou D. Pedro IV de Portugal, foi ainda quem nas pugnas civis arvorou o rectangulo argenti-ceruleo, em vez da bandeira branca do exercito de D. Miguel (Vid. A. T. VASCONCELLOS, *op. cit.*). Esse acto e o decreto de de 1830 nada mais fizeram que dar emprego ás côres nacionaes, extendendo seu uso além do brazão d'armas, em que *sempre* estiveram.

A bandeira portugueza foi sempre caracterizada pelas *quinas*, pelo brazão d'armas.

Das QUINAS e *castellos o pendão,*

ou

...*das* QUINAS *a bandeira,*

diz CAMÕES (*canto* IV e VIII) e dizem, repetem muitos outros escritores (Vide F. DE SÁ DE MIRANDA, *Obras*, 1784 e 1804 ; ANDRE'DE REZENDE, *De Antiquitatibus Lusitaniæ*, 1790; e CENACULO, *Cuidados Literarios*, 1791).

* * *

Mas não precisamos de extranho testemunho para demonstrar que o Brazil portuguez é representado na

bandeira pelas côres azul e branca. Basta ver na *Revista do Inst.* (tomo 56, 2.ª p., pag. 122) a descripção e desenho da bandeira republicana de Pernambuco (1817) (3). E' um rectangulo cortado horizontalmente em duas metades, uma azul e outra branca. Na superior, a azul, brilha um aureo astro-rei sob um Iris branco, amarello e vermelho. Tres estrellas de prata, sobre o Iris, representavam os trez estados (Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte), que entravam na confederação. Na metade branca, estava uma cruz vermelha para indicar o primitivo nome do Brazil.

A explanação em inglez, annexa ao desenho, diz que as trez côres do Iris significam "paz, amizade e união". O Sol denota que os habitantes de Pernambuco "são filhos do Sol e vivem debaixo delle" (*are children of the Sun and live under it).* O numero das estrellas seria augmentado, quando novas provincias se juntassem á confederação.

Desculpando-se a impropriedade astronomica e physica da concomitancia do arco-iris sobre um sol e sob tres estrellas, nós temos ahi uma preparação da bandeira actual, que corrigiu e completou as sãs aspirações dos mallogrados republicanos de 1817. Assim, mais uma vez se mostra que o passado fornece preparações a completar e não formulas ou exemplos formaes, que devam ser inteiramente seguidos.

(3) Nessa mesma *Revista*, o distinto investigador sr. J. A. FERREIRA DA COSTA diz, em 1886, que a doutrina de Monröe nasceu no Brazil, 20 annos antes de ser acolhida na America do Norte.

Desta exposição finalmente se collige que o azul e o branco foram as côres nacionaes de Portugal, desde o modesto inicio do *condado portucalense*, em fins do seculo XI. As armas do conde borguinhão eram em escudo branco uma cruz de azul: tal é a conclusão a que tambem chegam D. Nunes do Leão (*Chronicas*, I, 1774, 96) e o professor Barbosa de Bettencourt (*Subsidios para a leitura dos Lusiadas*, pag. 79). Antes de meado o seculo XVI, o erudito Rezende, nas *Antiquitates Lusitaniæ* (1790, I, 272), assim dizia de Affonso Henriques: "*ipse qui eatenus* (até á batalha de Ourique) NIVEO SCUTO *utebatur, insignia commentus est...* IN ARGENTEO *scuto* CÆRULEAM *crucem formavit...scuta quinque per ipsam crucem distinxit*"... E continúa nos proprios termos adoptados por L. de Camões, que em A. de Rezende achou o mesmo titulo de seu poema, como já o demonstrou a erudita Senhora D. Carolina Vasconcellos (*Op. cit.,* 1790, tomo II, 197 e 264). Logo depois, Abrahão Ortelio, reproduzindo Oliverio de Marca (*Oliverius a Marca* ou Olivier de la Marche), assim descreve as armas de Portugal: "*primo... clypeum* ARGENTEUM... *postea... quinque* CÆRULEOS *clypeos impositos*: *deinde his singulis clypeis quinque* ARGENTEOS *orbicolos additos*"... (V. CENACULO, *Cuidados*, pag. 364).

Esta é, pois, a tradição erudita, a tradição camoneana,—a tradição constante em Portugal. Nas mesmas vicissitudes por que passou o pavilhão portuguez, as côres azul e branca sempre dominaram alternada ou conjuntamente (V. no fim um artigo do *Diario de Noticias* de Lisboa).

II

A bandeira do Brazil

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a briza do Brazil beija e balança;
Estandarte que a luz do Sol encerra
E as promessas divinas da esperança...

CASTRO ALVES

O auri-verde pendão brazileiro, em conjunto, é hoje o mesmo que foi decretado a 18 de setembro de 1822. A Republica fez nelle menos transformações do que as decretadas pelo Imperio na bandeira portugueza. Nas duas mudanças, entretanto, houve sempre a salutar preoccupação de manter a continuidade, as tradições communs aos dous povos.

O Imperio caracterizou o novo estado no actual rectangulo e no lozango, sobrepondo a este as armas imperiaes, em lugar das portuguezas. Era ainda um escudo, como o das armas que D. João déra ao Brazil-reino a 13 de maio de 1816. Mas o campo se tornára verde, em vez de azul. Sobre o escudo verde estava a mesma esphera armillar de ouro, que se firmava no escudo azul do Brazil-reino e que em 1482 D. João II déra por divisa a D. Manuel.

Já em 1565 Estacio de Sá tinha dado por armas ao Rio de Janeiro essa mesma esphera, com tres settas,

duas em aspa e uma em pala (conforme as manteve o Codigo de posturas do Districto Federal) (4).

Circumdava a esphera um anel azul com estrellas brancas, que foram 19 até 1853 e 20 depois que o Paraná foi elevado a provincia. A coroa imperial, que encimava o escudo, e os ramos de café e tabaco, que o ladeavam unidos pelo tope ou laço da nação,—acabavam de compor a bella bandeira da Patria de nossos avós, que nol-a deram com as grandezas que a nova bandeira deve abrigar, estimulando-nos a accrescental-as mais e mais.

Para isso foi conservado na bandeira nova o aspecto fundamental da antiga,—o rectangulo verde e o lozango amarello. O novo estadio de evolução, que a bandeira vinha symbolizar, apenas exigiu, como na anterior, que as armas fossem substituidas.

Foi bem facil a transformação: a esphera de D. Manuel, com suas armillas achatadas, projectava-se no

---

(4) Ha duvidas quanto a estas armas. J. NORBERTO (*Rev.* 53, 250) affirma que a esphera de D. Manuel "foi dada por armas ao Rio de Janeiro, com as trez settas de S. Sebastião." VARNHAGEN (*Hist.* I) diz que as armas dadas por Estacio de Sá eram um "molho de settas." Mas um molho de settas não pode ser brazão d'armas. . .

Além disso, a esphera de D. Manuel figura nas moedas desde o *dinheiro* batido em Malaca por Affonso de Alburquerque, em 1512, até aos *dous vintens* ou *quarenta reis*, que se cunharam em 1694 para correrem na America, em Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia (*Memorias de Lit. Port.*, tom. I, impresso em 1792).

O certo é que as armas, por Estacio de Sá instituidas, se têm tornado tão duvidosas como seus preciosos despojos, exhumados em 1862. O jornal *Actualidade*, que noticiou a cerimonia da exhumação, diz que taes armas eram "as tres settas de São Sebastião, symbolo tambem do martyrio de Estacio de Sá" (VASCONCELLOS, *Selecta braziliense*, I, 56.).

E', porém, de notar que se tenha escolhido a esphera para as primeiras moedas que se cunharam no Brazil. (E' de 1694, 8 de março, a lei ou carta regia que mandou estabelecer uma Casa de Moeda na cidade da Bahia). A esphera devia, pois, estar ligada ás armas da colonia portugueza, elevada a principado em 27 de outubro de 1645 (e não 1647, como diz E. Prado).

BANDEIRA DO IMPERIO

BANDEIRA DO IMPERIO

escudo verde e ia confundir-se no mesmo plano com a faixa anular, que lhe azulejava o contorno. Bastava que essa orla azul, estellifera se estendesse por sobre o circulo, onde a esphera se projectava, e logo um globo celeste, um ceu real com as mesmas estrellas se poderia formar, segundo as normas do novo regimen.

No escudo azul do Brazil-reino, essa transformação era mais facil ainda, o que melhor demonstra como a esphera celeste da actual bandeira directamente nos lembra a esphera de D. Manuel.

Essa mudança corrige tambem um defeito heraldico da bandeira imperial, onde havia esmalte sobre esmalte: a orla ou anel azul se projectava sobre o verde ou sinople do escudo.

Supprimiram-se inteiramente a corôa e os ramos, que José Bonifacio ahi tinha collocado para representar, *em sua propria côr*, a riqueza agricola do paiz. Ora, a côr verde e a amarella ahi estão para bem caracterizar a industria viva e a morta, para lembrar as virentes plantas, as louras espigas e as madeiras, os artefactos, as manufacturas, as regiões auriferas.

A faixa anular resurgiu translucida na esphera celeste e ahi está projectada como num espelho horizontal, onde lembra nosso gigantesco Amazonas, o *Equador visivel*. As estrellas todas, augmentadas apenas da pequenina *sigma do Oitante* (para lembrar a situação da capital republicana e seu districto), — foram dispostas conforme as constellações que estavam no céu, a testemunhar a proclamação do novo regimen. A Cruz de Christo, sempre veneranda, ainda mais se elevou nas celsitudes da nova esphera, e o *lignum vitæ* da terra transformou-se em um emblema celes-

te,—no eterno Cruzeiro, que symboliza nossos climas com a fixidez das cousas impereciveis.

E ahi, no ceruleo páramo, nos está fixando:

1.°) A situação geographica da capital brazileira e o céu de nossa Patria;

2.°) O nome primitivo da terra de Santa Cruz. (E mais: foi visto e desenhado pelos descobridores) (5);

3.°) Approximadamente a hora da proclamação da Republica;

4.°) A separação da Igreja que podia conceder uma inviolabilidade e uma hereditariedade para sempre desligadas do novo regimen (agora de *direito*, como *de facto* estiveram abolidas no regimen antigo);

5.°) A lembrança da Cruz de Aviz, substituida por D. João II, e da Cruz de Christo, que fluctuava nos galeões, nas caravellas que descobriram nossa terra...

Em um tratado sobre a bandeira, mais cousas esse Cruzeiro mirifico nos poderia lembrar. Mas para refutação de nossos desviados, embora distintos contradictores, bastam estas notas e as que adeante accrescentarei, para melhor defeza do sagrado symbolo.

---

(5) E' facil ver na carta que o astronomo, bacharel ou mestre João dirigiu da Bahia a D. Manuel, a 1.° de maio de 1500. (*Alguns documentos da Torre do Tombo*; *Revista do Instituto Historico*; *Historia* de VARNHAGEN, 1.ª edição; etc. etc.).

BANDEIRA DA REPUBLICA

III

Erros astronomicos da bandeira

1. Erro na projecção da esphera

A mais grave accusação que se faz á bandeira republicana é dizer-se que o céu ahi projectado é mui bello, mui significativo, mas está errado. E está errado porque uma especial projecção estereographica do céu dá uma figura inversa da que se gravou na bandeira.

Ora, essa projecção estereographica sobre o horizonte só dará tal imagem para quem estiver em nosso *nadir* e de lá possa, atravéz da terra, contemplar o nosso hemispherio celeste, a 15 de novembro. Assim, tal figura seria exacta e commoda para nossos antipodas, quando olhassem *para baixo*, para *nosso lado*. Para nós, a imagem commoda e exacta é a que representa o céu reflectido num espelho, como na superficie horizontal de um lago.

Nós ahi olhamos commodamente *para baixo* e contemplamos o céu de nossa bandeira, como nos dias de eclipse se vê o sol numa vasilha cheia de agua. O que no céu estava antes á direita, quando o contemplavamos de frente, no espelho aquoso está naturalmente á esquerda, quando para este nos voltamos. Mas si, olhando o espelho, imaginarmos o espectacu-

lo do céu que ahi se reflecte, tudo estará em seus lugares; é uma questão de relatividade: o que no céu está á esquerda, a gente na figura vê á esquerda, etc.

Basta attender a que na heraldica e nas cartas celestes se representam assim mesmo as direcções, os sentidos. Veja-se o *Mappa do Céu* construido pelo dr. PEREIRA REIS; veja-se o *Atlas* do dr. CRULS, que em reducção o tem reproduzido no *Almanach Garnier*.

Essa imagem tem o merito de forçar o espectador a usar melhor, mais relativamente de sua razão. Força-o a ser consciente, a melhor orientar-se. Assim não acontecerá mais o que vi no antigo *Batalhão de voluntarios paulistas*, em 1893 : muita gente não sabia voltar-se depressa para a direita e para a esquerda...

No caso da projecção estereographica, na superficie horizontal de um lago, só quem estivesse no fundo e no centro teria a imagem proposta no opusculo do dr. E. Prado. E então a bandeira ficaria exacta para os habitantes das aguas, para os peixes ou para os amphibios...

2. Outros erros astronomicos

Fôra longo refutar outros pretendidos erros astronomicos, de que está inçada a bandeira, no dizer do opusculo citado. Para confutar a mór parte, basta dizer que se baseiam na pretensão de ser a esphera da bandeira uma carta celeste, com precisão maior do que a permittida em cartas daquelle tamanho, ou naquella infinita escala (6).

---

(6) Infinita escala, como carta topographica, e immensa, como carta celeste com distancias angulares.

Ahi só ha, só póde haver posições relativas, disposições graphicas, de desenho. E é isso o que diz o decreto de 19 de novembro de 1889, no mesmo trecho citado pelo critico: "as estrellas estão dis-"postas na sua situação astronomica, *quanto á dis-"tancia e ao tamanho relativos*"...

A faixa planetaria não é a ecliptica: é o zodiaco, e sua largura se estende por uns 18 a 20 graus. A ecliptica, si ahi estivesse representada, devia ser a linha intermedia, que não póde ser traçada, a riscar a legenda.

Só por isso as estrellas, que estão situadas nas proximidades da ecliptica, podiam passar para cima ou para baixo da zona, conforme as conveniencias estheticas do desenho.

Essa liberdade nos permittiu ter na bandeira a estrella *Spica* (a *alpha α Virginis*) acima da faixa, e assignalar visivelmente que temos ao Norte o Estado do Pará, como abaixo a estrella *Procyon*, de uma constellação boreal (*Canis Minor*), póde symbolizar o Amazonas. Assim se afasta mais uma censura do folheto de E. Prado.

Accresce ainda que a zona planetaria, o zodiaco, é uma faixa ideal. Seguindo o contorno das constellações zodiacaes, teriamos uma faixa muito ondulada muito irregular, com larguras que ultrapassariam 30 graus. Assim a faixa da esphera celeste pode ondular obliquamente da direita para a esquerda e melhor representar nosso Rio Amazonas, nosso "equador visivel."

Fôra facil, multiplicar exemplos para mostrar quanto o subjectivo, quanto as construcções abstra-

ctas, racionaes preponderam na astronomia, que é entretanto uma sciencia exacta e quasi perfeita. Ahi nada *se palpa* e nem tudo *se vê*. Sabe-se com exactidão a curva inteira de uma trajectoria, prevê-se a posição do astro que a percorre, mas ninguem *vê* esse caminho, mas nem sempre *é visivel* o astro na posição determinada. Exemplo: em 1910 o Cometa Halley far-nos-á uma visita e pode-se agora dizer exactamente em que ponto do céu está. Mas ninguem o *verá*, ninguem o poderá *ver* antes de trez annos e ainda assim com os desfalques physicos da visibilidade que então apresentar, além de outros, como demonstrei em meu livro — *Cometas, estrellas cadentes e bolides*. Ahi se verá, pag. 56, como J. D. Cassini pretendeu determinar no céu um novo zodiaco, uma faixa nova que assignalasse o percurso dos cometas.

Nesse mesmo livro, pg. 156, registro que o sentido dos movimentos celestes é referido a um observador que estivesse no plano de cada orbita, da ecliptica, por exemplo, e voltasse a cabeça para a região celeste onde se acham as *Ursas*. Houve um pretendido scientista que não poude comprehender taes relatividades e se revoltou contra as mesmas cartas celestes (7).

Não admira, pois, que em nossa descultura scientifica, e astronomica principalmente, haja os desvios que outros menos incultos, vêm trabalhosamente refutar.

---

(7) Assim, no caso terrestre, nós fixamos os *sentidos* dos movimentos, fixamos os *signaes* algebricos, imaginando o observador sobre o plano equatorial, com a cabeça voltada para a região arctica do céu. E' o norte que scientificamente domina, porque de lá nos veiu a sciencia que nos esclarece e guia. Ahi está porque o N. fica sempre para cima nas construcções geographicas. Ahi está porque na trigonometria, na mecanica os arcos, os movimentos positivos são em sentido contrario ao da trajectoria descrita pelas agulhas de um relogio.

* * *

Outra critica especial refere-se á estrella *sigma* do Oitante — a nossa polar -- que na bandeira representa a latitude do Rio (8). A maneira por que no folheto se confundem *circulos de latitudes*, *parallelos celestes*, etc., mostra que seu autor desconhecia que a *altura* do *polo* em um lugar significa rigorosamente a *latitude* desse lugar. Com essa elementar noção de astronomia, e sabendo-se que a sigma do Oitante está a 45' de nosso polo, fica-se habilitado a ver na projecção horizontal dessa estrella a latitude e mesmo a longitude do Rio de Janeiro, cujo céu, *em dada hora*, está figurado na bandeira...

Si a questão fosse de astronomia, mais tinha eu que respigar no folheto, especialmente a questão de *alpha* e *béta* do *Centauro* ou a questão das estrellas circumpolares. A primeira questão é mais de esthetica. Desta tratarei na ultima nota.

Tenho certo constrangimento em alongar estas notas. A estima que nos ultimos tempos da vida de Eduardo Prado começava a cimentar-se entre nós, — pelo amor ás cousas patrias,—leva-me a deplorar que estes reparos tenham que ser feitos a seu livrinho posthumo. Parece que elle proprio não queria publicar tal folheto, que desde 1890 estava inteiramente acabado. Os erros historicos não se coadunam ahi com

---

(8) A *sigma* dista apenas do polo nosso uns 3/4 de grau; a polar do norte está distante do polo quasi 1 grau e 1|4. A *sigma* σ é de 5.° a 6.° brilho (grandeza?) e não é invisivel a olho nú, como affirma E. Prado.

o espirito de investigação esmerada, que a morte apagou, exactamente quando ia ser mais fecundo.

Assim, as notas seguintes, embora corrijam esses erros, irão assumindo um aspecto mais generico e, como sempre, razoavelmente impessoal. Nellas completarei o resumo synthetico da primeira parte deste opusculo. Para os que de boa fé, sem partidarismo angusto, por estas cousas civicas se interessam, bastam de sobra estas paginas despretenciosas e sinceras.

IV

O céu da bandeira

Preciso esclarecer melhor essa parte essencial de nossa bandeira e afastar geralmente certas objecções. Esta nota poderá tambem esclarecer as duvidas que os globos celestes despertam ás vezes, mesmo aos homens de letras. Não é só a bandeira que soffre objecções *desorientadas* ou com *ponto de vista errado.* Tambem um globo celeste, numa livraria d'aqui, foi certa vez malsinado de erroneo e o livreiro teve que soccorrer-se de minha defesa. Tudo se resolvia no mau, no errado ponto de mira do censor.

Desde Aratus, o celebre poéta astronomo que Cicero traduziu, agitou-se a questão de se olhar o ideal conjunto da esphera pelo exterior convexo ou pela concavidade interior. Hipparco, ao commentar o livro de Aratus, alvitra que o segundo aspecto é mais commodo. Mas os globos modernos são geralmente feitos para se ver pela convexidade, pelo exterior, e dão o espectaculo do céu como se acha em nossa bandeira.

Mas nesse caso não é mister que o espectador esteja no infinito. Trata-se de direcções visuaes que, embora venham do illimitado, do *infinito,* podem ser atalhadas em qualquer ponto de seu percurso. Para interceptal-as, nem é necessario subir até ao mundo da Lua. Bastará ficar no contorno de nossa atmosphera e ahi se desenhará o espectaculo que nos dão os globos celestes.

As espheras todas sendo semelhantes, nossos globos didacticos em perspectiva e em miniatura são cartas celestes, que espelham a esphera do infinito ou qualquer outra com o mesmo centro e com raio limitado. Assim, bastará contentar-se com uma esphera cujo raio attinja a cercadura da massa fluida que nos envolve. O Brazil, em seus benemeritos filhos, desde B. Gusmão, desde o mallogrado Julio Cesar até A. Severo, até Santos Dumont está mais e mais facilitando a realidade de tal ascensão (9)...

*
* *

O céu da bandeira, ao contrario do que se affirmou, está dentro das vantagens da projecção estereographica e mantem todas as distancias angulares. E' projecção vista *sobre* e não *sob* o horizonte : cifra-se nisto só a especialidade sua, conforme já expliquei (10).

---

(9) Tenho em preparo um trabalhinho sobre a maxima participação que o Brazil tem tido na *conquista do ar*. Ha uns vinte annos que propugno por um pouco mais de justiça a nosso meritorio Julio Cesar (V. meu opusculo de 1885-1888—*O balão Julio Cesar e o jornalismo*, e artigos no *Estado de S. Paulo*, em agosto de 1901). Dóe-me vel-o esquecido ante os brilhantes triumphos de Santos Dumont, que bem podia fazer melhor resaltar o nome de seu antecessor nacional, o que lhe forneceu o formato especial do balão alongado, racionalmente praticamente o mais perfeito.

(10) Esta especialidade não foi invenção dos autores da bandeira. E' methodo corrente adoptado nas cartas e atlas, conforme os trabalhos dos drs. P. REIS e CRULS, já citados.

São vulgarissimos os mappas que assim representam o céu de um local, de um certo horizonte. São giratorios e servem para determinar cada hora o espectaculo celeste que se acha visivel. Os que o dr. REIS construiu aqui foram comprados pelo Governo para nossas escolas, no antigo regimen. Hoje estão por ahi atirados como tarecos velhos, inuteis. E depois critica-se na bandeira o desconhecido céu que se despreza ...

Convem aqui dissipar a objecção dos que notam que os polos na bandeira estão invertidos. Acham que o polo sul devia estar para cima e o polo norte para baixo. Ora, na projecção da bandeira o polo norte não pode estar em lugar nenhum, *porque não existe.* Está sob o horizonte, a uma distancia igual á latitude do Rio de Janeiro. Si ahi o quizessemos projectar estereographicamente, onde iria elle cahir? Os que sabem um pouco estas cousas podem ver que ficaria fóra da Terra, no prolongamento da meridiana, onde se encontrasse com o raio visual que vinha do nadir, passando pelo dito polo...

Eis aqui, em pequena amostra, a semrazão dos transviados rigoristas, que não querem acceitar os factos consummados e renegam as relatividades estheticas (11).

Vê-se que em qualquer caso fôra impossivel traçar artisticamente o céu de 15 de novembro, sem modificar os rigores das cartas celestes. Aliás, quem conhecer estas sabe que não ha ahi nenhum rigor constante. Nas cartas de Dien, antes da revisão de Flammarion, faltava a nossa *Canopus*; e a *alpha* do Centauro, que desejam pôr na bandeira, estava 15 gráus afastada de sua posição real.

Todos os annos o quadriculado de circulos, que nas cartas assignalam os astros, perpassa sobre todos, de Este

(11) O desconhecimento destes assumptos é tão cerrado nos criticos da bandeira, que não viram como se respeitou esta relatividade nos mesmos desenhos estereographicos de E. Prado (?). Nesses desenhos, os pontos cardeaes E. e O, os polos do meridiano, estão invertidos para dar o bombeado, a convexidade do volume, do *solido* (*stereo*) ahi representado. Fez-se o que os lithographos, os gravadores praticam em suas pedras ou chapas, e o que analogamente se praticou em nossa bandeira. Vendo-se pelo avesso esses desenhos, os polos E. e O. se *endireitarão* e teremos a projecção de nossa bandeira.

para Oeste, e lhes altera as coordenadas (em ascensão recta, o augmento, o erro passa de 3 segundos horarios e em declinação attinge a uns 20 segundos de arco).

Esta modificação é devida ao movimento de precessão dos equinocios. Esse movimento, em uma duzia de millenios (não são necessarios milhões de annos), faz que muitas constellações do sul passem para o norte e *vice- versa.*

Desse modo se explicará mais uma vez o caso da estrella *Spica* acima da faixa (fazendo-a subir na direcção de seu maximo circulo).

Spica foi escolhida por estar ligada á descoberta da precessão por Hipparco e é a mais importante das que nesse calculo entraram, pois, nelle serviu desde Timocaris até Ptolemeu. *Regulus* de *Leo* só serviu depois com Ptolemeu, quando com *Spica* já Hipparco fizera essencialmente a descoberta.

Além disso, devido mesmo á precessão, annualmente o Sol approxima-se da *Spica*, ao inaugurar nossa caracteristica primavera, e ao encaminhar-se para *Scorpius*, onde vae presidir ao 15 de Novembro. Eis ahi um motivo mais para a escolha de *Scorpius*: é quasi ao entrar nessa constellação que o Sol illumina o nosso 15 de Novembro.

Por sua vez o *Triangulo austral* não podia ser esquecido, já por sua configuração regularissima, já porque o astronomo, o mestre João o assignalou especialmente, na carta de 1 de maio de 1500. E finalmente o Centauro, mesmo com suas bellissimas estrellas, não podia ser gravado: 1.º) porque não havia lugar para duas estrellas de tanto brilho como sua *alpha*

e sua *béta*, sem offuscar o sagrado Cruzeiro; 2.º) porque este ahi representa o *Centauro*, de que fez parte desde a mais alta antiguidade até ao seculo XVI e mesmo XVII. (DELAMBRE, *Histoire de l'astronomie ancienne*, I, 119; II, 103, 247 e 254).

* * *

Mais algumas observações, a proposito do indefectivel Cruzeiro. Si prevalecesse a inversão do polo, o Cruzeiro ficaria tambem invertido, ficaria no meridiano inferior, como si fosse uma constellação circumpolar, o que não se observa inteiramente em região alguma do Brazil.

O Cruzeiro, para representar a Cruz de Christo, tem um antecedente no tempo do Imperio. Então a bandeira da marinha era um quadrado AZUL, com *uma cruz formada de estrellas* BRANCAS. (A bandeira imperial ou real era toda verde e tinha no centro uma aurea corôa imperial).

Não é preciso justificar a presença na bandeira das tres maximas estrellas, que ladeiam o Cruzeiro, á esquerda (ou á direita, para quem as observa directamente no céu). Ser-me-ia facil, com pouca erudição, descrever o merito dos tres astros que lembram intimamente a civilização egypcia,—*alma Mater* da civilização humana.

Sirius ou *Sothis*, a *rubra Canicula* de HORACIO, a *Estifera*, liga-se a *Procyon*, que a precedia nas plagas niloticas, e a *Canopus*, o piloto de *Osiris*. *Sirius* é a *alpha* de *Canis major*, que se liga á fa-

bula do caçador *Orion*. Julgo por isso dispensavel mostrar porque *Orion* não foi escolhido. E' uma constellação bipartida pelo equador celeste e, objectivamente, a mais bella das constellações; mas não póde superar os fóros do Cruzeiro, da *Croce Maravigliosa*, a *mandorla* dos florentinos Corsali e Vespucci, as "*quattro stelle*" ou a "*estrella nova*" de Dante e Camões *(Purgatorio, I*; *Lusiadas* e *Elegia III)*.

* * *

Rectificando a um tempo o que diz HUMBOLDT (*Cosmos*, II) e E. Prado que o segue, cumpre assentar que não foi *Corsali* em 1517, ou 1515, quem primeiro chamou cruz *(Croce maravigliosa)* ao *Cruzeiro* de nossa "maravilhosa" bandeira.

O Mestre JOÃO *(artium et medicinæ baccalaureus* ou *bachalarius)* foi quem, a 1.° de maio de 1500, em carta a D. Manuel, datada de VERA CRUZ, pela primeira vez desenhou inteiramente nosso Cruzeiro e por **duas vezes** o denominou **Cruz**.

E' o que se póde ver no original desse documento, em Lisboa, na Torre do Tombo *(Corpo Chron.*, parte 3.ª, maço 2, n. 2). Ha delle varias cópias e até *facsimile*, ao alcance dos menos alumiados. (V. 1.ª ed. da *Historia* de VARNHAGEN— é deficiente—; *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, Lisboa, 1892; C. COSTA, *As duas Americas*; FAUSTINO DA FONSECA, *A descoberta do Brazil*; *Rev. do Instituto Historico*, Tomo V, 3.ª ed., 364).

Algumas edições reproduzem só as *quatro estrellas* (as *quattro stelle*, de que fala DANTE no *Purgatorio*, I,—e não II, como por engano vem no folheto de E. Prado). O *facsimile* de FAUSTINO DA FONSECA dá as cinco estrellas caracteristicas.

O piloto de Ramusio, que descreve o *Cruzeiro*, não é um viajante de 1551 ou 1552, como affirma Eduardo Prado (pag. 21). Nosso compatriota, em 1890, foi induzido em erro pela *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*.

Um pretendido piloto de Ramusio é MESSER CRETICO (Giovanni Matteo), embaixador veneziano em Lisboa, onde compoz a narrativa da navegação de Pedro Alvares, entre 1501 e 1504 (segundo demonstrou em 1905 o erudito bibliographo dr. J. C. Rodrigues e segundo se vê na *Raccolta Colombiana*, apud. C. DE ABREU, *Livro do Centenario*). Foi publicada em um precioso livro de FRACANZAN MONTALBODDO, edição de 1507, feita em Vicenza (12).

---

(12) Consultei-o em Paris, na Bibliotheca Nacional, em minha primeira viagem á Europa (1902): tem no dorso a inscrição FRACANZAN, *Mondo Novo*, 1507. Num catalogo lithographado, que o Bibliothecario obsequiosamente me mostrou, ainda se quer adoptar a opinião de HUMBOLDT (*Cosmos*, II) é se diz que "le véritable compilateur serait ALLESSANDRO ZORZI".

No interior do livro vem o titulo numa fita, com palavras partidas, em desordem e com as letras invertidas. Dou-o aqui sem respeitar a desordem: *Montalboddo Fracanzan al suo amicissimo Joãni maria Anzolello Vicentino, Paesi nouamenti retrouati et Novo Mondo da Alberico Vesputio, fiorentino intitulato*.

Em Londres, no Britsh Museum (*Reading-room*) consultei em 1905 G. B. Ramusio, nas edições de 1554-59 e 1563-74 (*Navigationi et viaggi*).

Aqui em S. Paulo, na bibliotheca da Faculdade de Direito, por indicação de meu bom amigo dr. A. de Toledo, consultei de novo Ramusio e achei a rara 1.ª edição do 1 vol. (1550).

Hoje, graças ao distinto jornalista e erudito bibliophilo dr J. C. Rodrigues, temos no Brazil as preciosas edições de

Eduardo Prado não se refere directamente a esse piloto: em nota da pag. 21 cita um outro (?) que descreve a *Navegação de Lisboa á ilha de S. Thomé*. Seu erro assim torna-se mais grave, pois, não provém de investigações actuaes, que razoavelmente podia desconhecer em 1890 (aliás, quando *se desconhece* um facto não se deve dizer *sabe-se*). Guiando-se pelo vol. II da citada *Collecção de Noticias*, affirma, quanto ao piloto (?) de RAMUSIO: "*sabe-se* que a sua (?) viagem teve lugar em 1551 ou 1552".

Si consultasse RAMUSIO, que ahi vem citado, veria que essa pretendida viagem foi descrita na 1.ª edicão, tomo I (fols. 125) e é realmente uma das *Navigationi* ou roteiros, periplos de que largamente trata sua obra. Essa primeira edição é de *1550* e não podia conter viagem feita em 1551 ou 1552. Ahi se diz que o pretendido piloto escreveu sua relação depois de muitas viagens á ilha de S. Thomé ("cinque fiate"), depois de uma demorada viagem á Venezia e depois de estar algum tempo tranquillo em seus penates, na Villa do Conde (Portugal). Foi nesta villa que pausadamente escreveu sua *Navegação*, em que declara haver compilado o que outr'ora notou e a diversos homens ouviu ("altre volte notai & da diversi huomini... intesi").

A fols. 126 *v.* descreve o Cruzeiro: "QUATTRO STELLE di mirabil grandezza & lucidità, poste in forme d'una croce, quali sono gradi 30 lontane dal

---

MONTALBODDO e de RAMUSIO. Foi por elle finalmente esclarecido o caso do pretendido piloto de Cabral. (*V. J. do Commercio* de 3 de maio de 1905, *Bibliotheca Braziliense*, pag. 432 e tambem *Raccolta Colombiana* ou *Raccolta di documenti e studi publicati dalla R Commissione Colombiana*, parte III, vol 1, *apud* C. DE ABREU, *Livro do Centenario*).

polo Antartico & LE CHIAMIAMO il **Crusero**". Não foi, portanto, esse piloto o primeiro que chamou Cruzeiro a essas quatro celebradas estrellas: já em seu tempo (?) eram assim geralmente denominadas pelos portuguezes *(le* CHIAMIAMO, chamamos, e não *chiamammo*, chamámos, *abbiamo chiamato).*

*
* *

Posso ainda mostrar que o Cruzeiro se liga ao Dante e a Vespucci mais positivamente do que pareceu em 1890 ao autor do refutado opusculo (pag. 23). Sua referencia ao famoso florentino é outro erro que hoje não commetteria e que posthumamente o fizeram commetter. Não é na carta de 18 de julho de 1500, não é na segunda viagem; é na terceira, é na carta a LAURENTIO PETRI FRANCISCI DE'MEDICIS (1502-1503); é no *Sommario* enviado a Soderini (RAMUSIO, 1550, I, fol. 140 *v.*) que se narra pittorescamente a celebre viagem ao Brazil (13). Ahi é que Vespucci descreve estrellas, descreve costumes dos selvagens e as terriveis tempestades que passou em sua alongada navegação. Ahi Vespucci descreve as estrellas que circulam em torno de nosso polo e nota as que o podem caracterizar, como *las guardas* do norte, conforme a comparação do physico-astronomo que o

---

(13) Na Bibl. Nac. de Pariz vi em 1902 um *fac-simile* da carta a LAURENTIO (de 1857, tirado a 10 exs.); e no livro V da obra de Fracanzan (Fracanzio?) vem uma traducção dessa carta (por signal que notei haverem traduzido a phrase latina *Petri de'Medicis salutem* por—*patre dei medici salutem*). Nesse folheto a data reza-*circa* 1502. Já o mencionei á pag. 13 (onde se deve ler *Petri*). A phrase de Vespucci que ahi citei (*apud* Levasseur—Rio Branco) vem no *Sommario* enviado a SODERINI, (RAMUSIO, I, 1550, fol. 142 *v.*).

precedeu. Descreve estrellas que poderão identificar-se com as constellações da *Ave do Paraizo*, *Camaleão* e *Cruzeiro*. Descreve este juntamente com as maximas estrellas do *Centauro*, num *formosissimo*, *brilhantissimo* grupo de seis, acompanhadas de um "*canopo escuro*". Não as viu "prosaicamente" como "uma figura rhomboide", segundo affirma E. Prado, citando Humboldt.

O que nota Humboldt é que Vespucci não visse prosaicamente a *mandorla* (amendoa) celeste e os *canopos;* é que prosaicamente lhes não medisse de verdade as distancias angulares, as coordenadas celestes *(Cosmos*, II, 4.ème éd., 348). Em relação ao Cruzeiro, Vespucci claramente o delimita e dá varias declinações ou distancias polares, que elle chama diametros, semidiametros de circumferencias ou semi-peripherias. Cotejando as edições de Ramusio (1550), de Charton (ajudado por F. Denis) e de Varnhagen (*Rev. do I. H.*, tomo 41), não justifico inteiramente as queixas de Humboldt e muito menos o desdem de E. Prado, que lhe adoptou a interpretação do texto vespucciano.

Quem conhecer bem o céu antartico e tiver luzes de astronomia, na descrição de Vespucci, em suas figuras verá o grupo das quatro estrellas do Cruzeiro, acompanhadas de *alpha* e *beta* do *Centauro*. Vel-as-á passando pelo meridiano a uns 32 graus de distancia polar, como notou Vespucci. As configurações de Ramusio e Varnhagen sensivelmente reproduzem o aspecto das seis precitadas estrellas, a convizinhar com o *sacco de carvão*. o *coal bag* (ou o *Canopus niger*, o *Canopo fosco* de Vespucci).

Ha mesmo notavel concordancia entre Vespucci e Mestre João, que observaram esses astros nas mesmas posições e no mesmo tempo (entre abril e maio, quando o Cruzeiro passa pelo meridiano antes de meia noite). Mas este é assumpto que só em estudo especial poderei desenvolver.

* * *

Tambem não é exacto que "a maior parte dos novos commentadores do Dante„ acceite a symbolica interpretação de Humboldt, que nas "quattro stelle„ dantescas queria mysticamente ver as quatro virtudes cardeaes (prudencia, justiça, força e temperança).

Dante podia conhecer nosso Cruzeiro por obras antigas, pelas obras e globos dos arabes (V. SANTARÉM, *Essai sur l'histoire de la Cosmographie*, I). DELAMBRE (*Astr. anc.*, I) mostra que desde Aratus eram as estrellas do Cruzeiro assignaladas aos pés do *Centauro*.

O erudito RAINAUD, em 1893 (*Le Contin. austral*, 182) diz peremptoriamente: "Il nous semble plus sage d'adopter l'avis de *la plupart des commentateurs modernes* et de donner une explication littérale de la description du Dante. C'est bien de la Croix du Sud qu'il s'agit ici, proprement et sans allégorie„. (Vejam-se GAFFAREL, FRATICELLI, CAMERINI, BLANC, FORNACIARI, etc).

Finalmente, nosso facundo, abundoso Porto Alegre, em seu *Colombo* (canto I), fala

Da Cruz siderea, que previra o Dante
Em fatidico enlevo, quando illeso
E adeusado quebrou do inferno as portas..

* * *

Alonguei bastante a ultima parte deste capitulo, para melhor demonstrar quanto foi um mau serviço publicar-se em 1903, sem as correcções do autor, um trabalho escrito em 1890. A cultura de Eduardo Prado e seu final assento, sua dedicação final aos estudos historicos podiam corrigir em 1903 os erros que commettêra em 1890.

Não sou, porém, severo nas correcções que aponto agora, forçado pela defeza dos que menos discretamente disputam com seu nome. O que se refere ao Cruzeiro é deslise grave, porquanto, para o corrigir, lhe sobravam os elementos em 1890. Seu mui lido correligionario dr. João Mendes, em as *Notas Genealogicas*, pag. 43, já dissera em 1886: "a constellação meridional do Cruzeiro, que os descobridores viram sobre suas cabeças,... *segundo a descreveu e desenhou* em sua carta de 1.° de maio de 1500 o physico da armada JOÃO EMENELAU" (este cognome foi um erro de Varnhagen, na 1.ª ed. de sua *Historia*, onde publicou esse documento).

V

Ainda o céu da bandeira

Dous pontos desejo ainda esclarecer, antes de mostrar o tempo mais favoravel para observar o céu gravado em nossa bandeira.

Já assentei que o Cruzeiro foi visto pelos descobridores e desenhado por um astronomo, Mestre João, encarregado por d. Manuel de estudar as estrellas de nosso polo. Já vindiquei seus largos fóros de historica nobreza, sua prerogativa de symbolo nacional. Quando, porém, essa constellação se destacou do Centauro e ficou sendo *Cruz do Sul* ou o *Throno de Cesar?*

E. Prado diz que foi em 1612, no Atlas de Brayer. Deve ser Bayer e o Atlas deve ser sua *Uranometria*, publicada em 1603. Mas nesse Atlas ainda o Cruzeiro está sobre as patas do *Centauro* e suas quatro estrellas caracteristicas vêm enumeradas com as desta constellação (têm os nomes *epsilón* ε, *zeta* ζ, *ny* ν e *xi* ξ), embora no verso Bayer a chame *Modernis* (?) *Crux* (FLAMMARION, *Les Etoiles*).

Só em 1679 Agostinho Royer formou com as estrelllas do Cruzeiro um novo grupo estellar, que denominou *Cruz do Sul* ou *Throno de Cesar.*

Não é especialmente esta correcção que me interessa neste ponto. Para nós o Cruzeiro desde logo se destacou do céu e foi até desenhado em estampas, em mappa. Quero deixar notado que o *Atlas*, a *Uranometria* de 1603, foi publicado por Bayer com as figuras ás avessas, isto é, as chapas eram direitas como o céu e davam na impressão aspectos invertidos.

È exactamente o caso do céu de nossa bandeira.

Tome-se uma chapa, igual ao modelo proposto por E. Prado, e com ella teremos a impressão do globo de nossa bandeira, antes de se inscrever a legenda da faixa.

Assim, poderemos tirar desta critica um proveito: corrigir um pouco o desenho do annexo ao decreto de 19 de novembro (conforme adeante mostrarei em relação a *Spica).*

Temos, pois, num caso historico, mais uma justificativa especial para a bandeira. E com o julgamento de um mathematico, no *Diccionario* de MONTFERRIER, art. BAYER. Ahi dizia BARGINET que "o defeito não era essencial", mesmo tratando-se de *cartas celestes.*

* * *

Disse na primeira parte que o *Cruzeiro* passa no meridiano do Rio a 15 de novembro, mais ou menos ás 9 horas da manhã.

Só tenho determinação especial para a estrella *alpha*, a estrella de Magalhães. Essa passa no me-

ridiano ás 8 h. 45 m.: uma hora depois, approximadamente, passa a *Spica*. No modelo annexo ao decreto, essa estrella não foi collocada muito exactamente pelo desenhista, embora guarde a posição relativa.

Póde ficar mais á esquerda, mais proxima do meridiano, isto é, da linha que passa por *alpha* e *gamma* do Cruzeiro. Deve guardar o intervallo de 15 graus em angulo, ou uma hora entre o meridiano e seu circulo horario. Assim poderá marcar melhor a longitude do Rio, e se poderá aproveitar o trabalho de projecção de Eduardo Prado.

Si pozessemos ***Regulus*** de outro lado, sobre a palavra ORDEM, a corresponder com SPICA sobre a primeira letra R de PROGRESSO, poderiamos tirar ***tau*** de SCORPIUS ou conserval-o para representar o territorio do Acre, annexo ao patrimonio nacional, como ***tau*** (τ) se adjunta á estrella ***Antares***, a *alpha* α dessa constellação.

A faixa apresentaria então duas ondulações, sobrepujadas respectivamente pelas estrellas ***Regulus*** e *Spica*.

Este arranjo em nada modifica o aspecto fundamental da bandeira, que os fabricantes alteram á moda da ignorancia mais desalumiada. A projecção que E. Prado apresentou está com approximação de um quarto de minuto horario e está geralmente bem feita. Não fosse o espirito de partido, e essa necessidade de fazer approximação, mesmo no technico, no rigoroso, no critico, faria que se julgasse com acerto nossa bellissima bandeira (14).

(14) Sem falar em que, numa das projecções, *Regulus* ficou abaixo da ecliptica e noutra ficou acima (pags. 41 e 57).

E esse é um trabalho de projecção feito com todos os recursos graphicos, technicos do especialista que tranquillamente

Assim a *Spica Virginis*, cuja collocação provocou as criticas mais vivas, acarretará um arranjo que facilita a construcção da bandeira. E *Spica* apenas subirá em seu *circulo horario*, para evitar a faixa, onde ficaria invisivel quasi. Essa deslocação está na ordem das cousas celestes. A ecliptica varia secularmente de obliquidade (48 segundos de arco) e periodicamente tem ainda uma nutação. Além disso, a precessão dos equinocios, fal-a variar constantemente de posição com a esphera celeste, e dahi vem poderem passar muitos astros para o Norte ou para o Sul.

Temos, finalmente, que a longitude do Rio é marcada por duas estrellas primarias, as *alphas* das duas mais nobres, mais alevantadas constellações symbolicas. Uma figura a placida, equanime Astréa, filha da Luz e da Justiça (Themis), o symbolo das searas, a terna Virgem dos cavalleiros crentes. Outra lembra a terra de Santa Cruz, lembra uma veneranda Religião, que presidiu a muitos seculos da lenta preparação humana, e a todos nós, crentes ou incredulos, trouxe a presente civilização, que todos por igual fruimos

---

o executou em seu gabinete. O povo, os gravadores collocam ás vezes a *Spica* no alto e no meridiano da esphera. Collocando-se a lettra E da legenda sobre o meridiano (linha N-S., diametro que passa por *alpha* e *gamma* do Cruzeiro), a *Spica* deve ficar *immediatamente* sobre a primeira letra R de PROGRESSO. *Regulus* ficaria sobra o R de ORDEM, um pouco acima, uma vez que nos extremos da faixa se deixasse um espaço em branco, conforme a grandeza, a largura das versaes empregadas.

A regra mais pratica é, pois, collocar o E no meridiano (braço maior do Cruzeiro) e sobre o primeiro R de PROGRESSO collocar *Spica*, sem se preoccupar com espaçar as letras para occuparem toda a faixa. E quando o Acre exigir que se augmente a 22 o numero das estrellas da bandeira, *Regulus*, na posição indicada, sobre o R de ORDEM, satisfará tal exigencia. Desde logo se tolhe assim o pretexto a futuros projectos de bandeiras novas, de bandeiras sujeitas ás pretensões da moda

Deixemos, pois, uma critica destruidora e esteril, que visa a um rigor dispensavel até em cartas celestes. Façamos simplesmente uma esthetica, uma approximada pintura do céu, reflectido em um espelho horizontal. Sobretudo tratemos de observar esse refulgente céu, de que tantissimos falam e que pouquissimos conhecem.

*
* *

O céu da bandeira, a 15 de novembro, torna-se inteiramente visivel entre 6 e 7 horas da manhan e começa a desapparecer, quanto a *Sirius*, entre 9 e 10 horas. *Canopus* fica visivel até 11 horas, e o Cruzeiro sò desapparece ao findar do memoravel dia.

Assiste, pois, ao desenrolar completo de suas principaes scenas, de suas emoções mais vivas.

Esse mesmo espectaculo pode ser visto annualmente em abril, maio e junho, na primeira metade da noite.

No mez de abril, deve-se observar no ultimo terço da noite, entre 10 e 12 horas. Em maio e junho, de 6 ás 10 horas. Deve-se observar cada vez mais cedo, de meia noite ás 6 horas da tarde, á medida que se avança de abril a junho. O espectaculo do céu começa todos os dias cerca de 4 minutos mais cedo ou meia hora mais cedo cada semana e 2 horas cada mez. Isto é devido ao movimento apparente do Sol na ecliptica, de Occidente para Oriente. Em verdade é o Sol que se põe mais tarde e não é o espectaculo do céu que vem mais cedo. Este vem sempre á mesma hora e vae sempre encon-

trando o Sol uns 4 minutos mais visivel, donde suppor-se que *é mais cedo*, porque o tempo é medido pelo movivento diurno do Sol.

Ahi está mais uma *difficuldade*, mais um caso de *relativismo*, que precisam resolver no céu real os que no cèu da bandeira não o admittem e repugnam.

Tudo está em nossos habitos. Si contassemos as horas por uma estrella *fixa*, teriamos um tempo *fixo*, mas com muitos inconvenientes praticos, estheticos, etc. (não ter horas certas de claridade, de noite, etc.). Si vissemos o espectaculo celeste na concavidade espherica sómente, teriamos uma só imagem, mas com muitos inconvenientes theoricos, estheticos e mesmo praticos (falta de orientação, abstracção deficiente, etc).

Como nós não caminhamos para um escuro analphabetismo, nem visamos a uma aperaltada ou fofa literatice, esperemos que em nossas escolas se aprenda a melhor observar o céu em um espelho e a contar melhor o tempo, para não o gastar em criticas de palhas alhas.

VI

As 21 estrellas e a legenda

As 21 estrellas de nossa bandeira apresentam uma feliz combinação, cuja legitimidade e acerto não podem mais despertar duvidas (15). E' a unica bandeira que em seu aspecto symboliza integralmente a Patria e imperecedouramente assignala o dia em que ella iniciou um novo estadio civico.

Emquanto o mundo for mundo, o aspecto da bandeira lembrará os fundamentos celestes e terrestres de nossa querida Patria. Nenhum 15 de Novem-

---

(15) O brazão empregou sempre os astros,--sol, lua e estrellas, —nas armas de paizes e cidades. Os mais interessantes casos, de estirpe lusitana, são os que nos apresentam as armas das cidades portuguezas de Celorico, Linhares, Mourão, Ourem, Ourique, Pedrogão Grande, Penamacor, Porto de Moz e Valença. Outras ha que empregaram a esphera armillar; taes são Idanha a Nova, Monsanto, Ponta Delgada e Torre do Moncorvo.

Essa tradição liga-se directamente ao Brazil por Anchieta, cujo brazão de familia era um escudo quarteado com estrellas em dous quarteis. (Vide VILHENA BARBOSA, *Cidades e Villas da monarchia portugueza que têm brazão d'armas*, 1865, tres volumes; *III centenario do veneravel José de Anchieta*, 1900).

A Australia, a Argentina, o Chile, a Colombia, o Egypto, os Estados Unidos, S. Salvador, Turquia e Venezuela apresentam sol, lua e especialmente estrellas em seus pavilhões.

bro passará sem que o céu ahi paire sobre nós, como indefectivel bençam, como sacro testemunho, a rever nossos progressos, com a placidez serena de uma regularidade exemplar. Nelle temos o ideal modelo por que devemos mais e mais pautar a regularização de nossos actos privados ou civicos, de nossas funcções collectivas, de nossas relações universaes...

A quem na bandeira repugne ver um espelhado céu, volte-a ao revez e terá o espectaculo directo que lhe figura o firmamento astral. Nada impede que nossa bandeira seja transparente ou mostre duas vistas, como habitualmente acontece com as que se fazem de estofo commum. Mesmo com a adopção do aspecto directo, nada evitaria que o reverso da bandeira apresentasse o espectaculo invertido. Prova-se agora, mais uma vez, quanto são vãs e facciosas as objecções que o aspecto da bandeira tem despertado.

Satisfazer gostos individuaes na disposição das 21 estrellas, fôra tarefa insana e impossivel. Só as 8 estrellas de *Scorpius* admittem 40320 permutações ou ordens differentes. Si, por exemplo, me consultassem a respeito, eu as reduziria a sete, e, em lugar da oitava, poria *Regulus* de Leo, a fazer um pouco de symetria com *Spica*, acima da faixa, á esquerda. *Regulus* (o rei joven) ficaria sobre a *Ordem*, assignalando-a symbolicamente, com *Spica*, de outro lado, a signalar o *Progresso*, como symbolo das *searas*, da *maturação*, do *desenvolvimento* agricola...

Mas tudo isso se reduz a simples melhoria de uma partezinha da fórma. E que vale ante a significação do fundo, ante a constancia do symbolo?

Ensinemol-o, pois, com suas 21 estrellas, que symbolizam os 20 Estados e o Districto Federal, como as

estrellas da orla azul na bandeira imperial symbolizavam as 20 antigas provincias. Ha, porém, reaes vantagens no symbolo novo, no symbolo republicano, como vamos ver.

* * *

Ahi socialmente, politicamente se quer representar o phenomeno da *independencia* e do *concurso*, onde entram unidades que existem á parte, mas concorrem para um fim commum. E' o que nos define um admiravel principio de Aristoteles—*a separação dos esforços e sua convergencia necessaria*. Nenhuma existencia collectiva, social é possivel sem o labor convergente de todas as unidades responsaveis, que tiram desse concurso independente o melhor quinhão de sua dignidade.

Ora, as estrellas *independentes* em suas orbitas ou centros, constantes em seus aspectos e em sua apparente equidistancia, *convergem* todas para formar o conjunto harmonico da esphera celeste. Symbolizam, pois, o que na Patria temos, o que temos na Sociedade: symbolizam as unidades, os Estados independentes e o concurso de todos para um real conjunto, um fim commum.

Mas tal symbolismo só é perfeito quando as estrellas estão em constellações, quando, solidariamente, em *suas posições relativas*, constituem no céu um conjunto definido, como no aspecto de nossa bandeira. Não estão ahi "separadas e dispersas", mas convergentes e harmonicas na formação de um determinado aspecto, com um fim determinado. São in-

dependentes, têm até movimentos, mas tudo em modo a não alterar o conjunto essencial. A orla azul da antiga bandeira não era um complexo espontaneamente definido, um definido aspecto essencial, immutavel, onde as estrellas circularmente convergissem. Alli havia artificio, embora mui digno: aqui ha uma eviterna realidade cosmica.

*
* *

Não é só nesse conjunto real e indestructivel que nós temos a symbolização de um concurso digno, independente. Vemol-a tambem na legenda que o atravessa obliquamente. A *Ordem,*— base, inicio de todo *Progresso,*—resulta sempre do trabalho digno, esforçado de cada um e da reunião de todos os esforços independentes.

A legenda, que na faixa ou banda se inscreve, corôa desse modo a final symbolização de nossa ideal bandeira. O mesmo lugar em que se acha gravada concorre para augmentar a veraz intensão do emblema.

Com effeito, é preciso que o *progresso* mais e mais se harmonize com a *ordem*. Um novo estado social deve ser um *aperfeiçoamento*, em que se conservem, *melhorados*, os elementos estaveis da sociedade. Fóra disso, temos sómente um desgarrado liberalismo, um anarchismo iconoclasta, feroz, ou um conservatorismo ferrenho, uma obscura retrogradação. E' preciso que o *progresso* constantemente seja compativel com a *ordem* mais estavel.

E' isso mesmo que nos ensina decisivamente, ineluctavelmente a existencia planetaria, que *ab æterno* se desenrola na faixa da legenda caracteristica.

Na existencia planetaria, de que humanamente, subjectivamente somos nós *magna pars*, é lei essencial a coexistencia, a compatibilidade do movimento, da progressão com o arranjo, com a constituição do systema que se move, que progride. E' lei que Galileu descobriu, vitalissima lei, que era preciso logicamente instituir, si não existisse naturalmente.

O facto de annualmente viajarmos em translação no Espaço, a perlustrar as constellações zodiacaes, e sem nada soffrer em nosso arranjo terrestre, ahi está perennemente mostrando que o *movimento* se concilia com a *existencia*, que o *progresso* se harmoniza com a *ordem*.

Ora, exactamente na faixa zodical da legenda é que essa viagem se realiza e se effectúa a conciliação. Della só têm consciencia plena os estudiosos alumiados, que não desdenham observar o céu, como viajantes de um immenso navio, a olhar, horizonte em fóra, os asterismos distantes. Esta conciliação é comprovada pela existencia e progressão dos demais planetas, que convivem com a terra nessa immensa região celeste.

Outras bandeiras e divisas collimaram o mesmo fim. Nenhuma, porém, logrou realizal-o com esse idealismo intenso, profundo e tão dilatado, que nos prolonga até ao mais longinquo porvir.

O estrellado pendão americano baseia-se em artificio analogo ao do imperio brazileiro. Em ambos

prevaleceu a igualdade das estrellas, artificialmente encerradas em uma zona circular ou em um rectangulo, que, por si, como *prisões* ou cercaduras, não symbolizam independencia nem assignalam um *concurso* definido. Em nossa bandeira, as estrellas, desiguaes em brilho, em grandeza, desde logo mostram que ha Estados desiguaes em territorios. Não os individualizam, porque todos estão unidos numa só federação, para a qual concorrem em sua real *independencia*. Este conjunto as estrellas desiguaes claramente symbolizam, porque não estão ahi gravadas por causa de sua desigualdade, mas pelo *concurso* necessario com que formam constellações de um céu imperecivel.

* * *

Para terminar este capitulo, convem mostrar que esta faixa ou zona da legenda é um velho symbolo, com fundas raizes no passado.

Na antiguidade, é a *zona* (ζώνη), é o *balteus*, o *circulus, limbus* ou *cingulum* da esphera.

O *Atlas*, que se vê no *Museu Nacional* de Napoles, carréga uma esphera com um *circulus*. Na *Columna Antonina* ou de Marco Aurelio (Roma, *Piazza Colonna)*, um genio alado,—genio do Universo?—tem na mão esquerda um globo com estrellas e uma faixa como a de nossa bandeira. E numa pintura de Pompeia se vê o globo com o *balteo* ou zona obliqua, em posição exactamente igual á do pavilhão brazileiro (DAREMBERG *et* SAGLIO, *Dictionnaire d'antiquités*, I, 1.ª parte; RICH, *Dictionary of Roman*

and Greek Antiquities, 1874; ou edição franceza de CHÉRUEL, 1859).

O balteo, como cingulo ou cinturão, teve na Igreja Catholica uma applicação ritual. Nosso classico e erudito MANUEL BENARDES assim o descreve em sua *Nova Floresta* (tomo III, 387):

"O *Cingulo*, ou *Cinctorio*, por outros nomes *Balteo* e *Zona*, diz o Papa Innocencio III que significa a caridade de Christo"...

Veremos, no capitulo seguinte, que tal significação quadra bem ao lemma politico da bandeira.

Agora, para remate, notarei que a *coroa imperial* é encimada ou timbrada por um globo azul, uma esphera celeste com o *balteo* e a cruz de Christo. A bandeira antiga, como já notámos (pag. 19, nota) tinha o consagrado globo com o mesmo attributo. E na bandeira colonial do Brazil, conforme vimos, esse globo é ainda azul e a faixa é branca, taes como se vem na bandeira republicana. (V. livro de EDUARDO PRADO, pag. 16).

E si houver pechosos que precisem de um exemplo de *balteo* em escudo de armas, poderão vel-o no brazão de *Alvito* (Alemtejo), onde está para lembrar um arco de ponte na ribeira de Odivellas (VILHENA, I, 31 e 33).

Em conclusão, o globo e a faixa combinados representam um symbolo tradicional, o symbolo da soberania, desde os tempos do imperialismo romano (vide nota de pag. 19). Não é uma invenção de *sectarios*, desejosos de maguar respeitaveis adeptos

de outras doutrinas politicas ou religiosas. A bandeira respeita consciamente um passado augusto e nelle se filía para melhor continual-o.

Veremos, no capitulo seguinte, como o lemma, que nesse balteo se inscreve, está filiado tambem a divisas ou *emprezas* que presidiram á gloriosa evolução dos portuguezes, nossos avoengos.

VII

A legenda, a heraldica e a esthetica

Antes de assentar a legitimidade heraldica de nossa bandeira, é bem que estabeleça uma *real* genealogia para o lemma tão injustamente censurado. A esphera, em cuja zona se acha, e a Cruz da bandeira imperial, rejuvenecida, fortificada no Cruzeiro, remontam sua linhagem até aos romanos ou, especialmente, até á estirpe joani-manuelina dos reis portuguezes. Tambem nossa divisa póde genealogicamente remontar a esses heroicos e afastados tempos. Si eu conseguir finalmente demonstrar que até o traçado de nossa bandeira é lidimamente heraldico,—teremos que, mesmo sob um aspecto secundario, é excepcional e verdadeira a nobiliarchia de nosso pendão.

Desde a famosa divisa dos gregos sabios—γνῶθι σεαυτόν *(nosce te ipsum)* ou *conhece-te para te melhorares*, — se vem proclamando a verdade fundamental de nossa legenda:—o estudo, o conhecimento da sciencia, da philosophia, da *ordem*, como base de nosso aperfeiçoamento, de nosso *progresso*.

Transitando—pelo *Salus populi, suprema lex*, pelo—*Ubi societas, ibi jus*--do civismo romano, e cingindo-nos ao caso nosso, veremos que a significação historica e a republicana de nosso lemma podem filiar-se a dous pares de mottos ou divisas, pertencentes aos proceres da civilização portugueza.

1.°) O primeiro par é o motto—*Il me plaist pour bien* de D. João I, o Mestre de Aviz de *Boa memoria,* e o — *Le bien me plaist* do abnegado infante D. Fernando. *Il me plaist* (plaît) é a *ordem,* o *mando*, o *placet*, o *grado*, a *graça* e *prazer* reaes. Mas como a *ordem=ordo*, liga-se a *órthos* (ὀρθός) =*justo*, *verdadeiro* — e não só á *bella disposição*, —é natural que dahi se derive o *bem*, que é o *aperfeiçoamento*, o progresso real. Assim—*praz-me para bem*—é o *amor á ordem* que nos leva ao progresso como um *bem* que *se quer*; é a *ordem* e *progresso* nos animos *reaes*, nas instituições semi-theocraticas.

Hoje ninguem razoavelmente negará que a communhão social, o progredimento harmonico se assentam no *amor ao bem.* A caridade catholica, a philanthropia, o amor em geral, o aperfeiçoamento, o progresso estão solidariamente ligados á ordem e reciprocamente se buscam ou se impulsionam. O *amor* é antes de tudo *querer* o *bem.*

No capitulo anterior, vimos como Innocencio III diz que a *zona* ou *balteo* symboliza a caridade.

Assim, a faixa da esphera é *lugar symbolico* para nella se inscrever uma divisa como a nossa. E si tal zona, no ponto de vista scientifico, astronomico, é tambem especialmente adaptada para esse fim, resulta que fôra imperdoavel lacuna deixar vasia uma

faixa tão scientificamente, tão religiosamente symbolica.

O cavalheiro que ama sua Patria, sua Familia, sua Dama quer antes de tudo o *bem*, o *aperfeiçoamento*, o *progresso* de sua Dama, de sua Familia, de sua Patria. Só os corações refeces dizem *amar* para corromper, para rebaixar o objecto de suas vistas ou pretensões. Esses, com sentido que lhes mais conviesse, fariam sua a divisa—*Désir*—que em sentido mais vago, mais elevado adoptára o infante D. Pedro...

2.°) O segundo par de mottos ou divisas conduz-nos mais directamente á moderna concepção de *ordem*, conciliada com o *progresso*.

O *Talent de bien faire* do Infante D. Henrique—o *Navegador*, e o POLA LEY e POLA GREY, do *Principe perfeito*, mostram espontaneamente a base real donde nosso lemma proveiu. O primeiro, num homem de sciencia, apresenta em esboço o sentido positivo da *ordem*, como synthese do conhecimento da realidade em geral, como um *arranjo*, um *conjunto* de leis *philosophicas*, cheias de uma *sabedoria amavel*, que esclarece uma *vontade* sã, propensa ás acções boas.

Talent=*talento*, *talante* liga-se a *pesar*, *pensar*, *supportar* (do grego *Τάλαντον*, balança; *Ταλάω*, supporto). Dahi *pensamento*, *tolerancia*, *paciencia*, *vontade*, que estão symbolizados em *Atlante* ou *Atlas*, a sustentar a *Ordem Universal*, e em *Telamones*, caryatides masculinas, a supportar entablamentos da *ordem* architectonica ou da *ordem* social.

Talante de bem fazer—fica sendo a vontade de um sentir esclarecido e resoluto, a *dispor*, a *ordenar*

no interior para *bem fazer*, para aperfeiçoar, para progredir no exterior,—porque só progredimos quando passamos a um estado melhor no desenvolvimento do bem.

LEY=*ligação constante*, é, no rei autoritario, um *mandado*, um decreto imperativo, a representar a *ordem*, num tempo em que era preciso a disciplina ferrea para manter a estabilidade social. Esta ainda não podia ser dada por uma educação republicana, por uma sciencia coordenada e feita para convencer almas livres, animos responsaveis.

GREY=*aggregação* era o rebanho unido, congregado pela disciplina, que se assentára *para seu bem*, para seu *melhoramento* e *progresso*, representado embora em um *beneplacito* real.

RUY DE PINA, na *Chronica d'El Rei D. João* II, diz que a letra ou divisa do *Principe perfeito* era:—*Por tua ley e por tua grey.* Assim, a primeira parte mais intensamente symboliza a *ordem*, pois se extende aos liames religiosos, em geral mais coordenados, mais estaveis. Eis o que diz RUY DE PINA: "El Rey, em sendo Principe, tomou por divisa, pola Princeza sua mulher, um pelicano, ave rompente sangue no peito, para sostentamento e criação de seus filhos, que no ninho tem comsigo. E tanto foi seu contentamento que a nom mudou despois que foi Rey; e com ella trouxe por letra correspondente á piedosa morte do pelicano que dizia: *Por tua ley e por tua grey* (*Collec. de ineditos da Historia Portugueza*, II, 1792, pag. 65).

Assim, a um tempo, desvendamos uma estavel genealogia nacional para nossa divisa e lhe damos

uma significação inteiramente republicana ou social. ORDEM só é possivel em um ARRANJO livre, feito pelo saber coordenado, pela educação que persuade e convence. PROGRESSO é o *desenvolvimento* da *ordem*, que na educação consolida as melhores affeições; é o aperfeiçoamento dirigido por essa mesma *ordem* e visando essas mesmas affeições consolidadas.

* * *

Nessa genealogia não ha como attribuir a nosso lemma um caracter de instituição religiosa ou sectaria. O lado humano, generico, universal está patente ahi, sob todas suas faces. E' ao *bem geral*, ao aperfeiçoamento do povo, da grei humana que ahi se visa especialmente. Não é um motto como o—*Dieu protège la France*, que substitue a serrilha na circumferencia das moedas francezas. Essa divisa se frustrou inteiramente nas deploraveis luctas religiosas, que ainda conturbam a França, porque estava ligada á ficticia união da Igreja e do Estado. Não é como a inscrição das moedas americanas—*In God we trust* (Em Deus confiamos), que na grande nação amiga está sendo motivo de lutas ou dissidios politicos, e que sabiamente foi supprimida pelo habil, eminente estadista que actualmente a governa.

Com nossa legenda o mesmo não acontece. E' meramente politica: não importa nenhum compromisso com um credo ou culto religioso. Não é uma cultual invocação a um Gran-ser, a uma Divindade, como egide, patrocinio e bençam ao nosso querido Brazil. Si ahi estivesse—*Autoridade* e *Liberdade* ou *Ordem* e *Tra-*

balho—o sentido fôra essencialmente o mesmo. Si preferimos—*Ordem* e *Progresso*—foi porque taes palavras de ha muito symbolizam as duas necessidades sociaes de *conservação* e de *aperfeiçoamento*, que andam programmatizadas nos partidos politicos chamados *conservadores* e *liberaes* ou *progressistas* (16).

Si o Fundador do Positivismo as conjuntou em universal divisa politica, foi justamente porque nessas palavras a evolução humana melhor influiu as accepções politicas que se deviam assignalar. Acceitou, systematizou factos reaes, ao alcance ou na esphera de todos os homens activos e sem distinção de cultos religiosos.

As palavras *sociologia* e *altruismo*, que Augusto Comte especialmente construiu, e que têm por isso um cunho positivista, são hoje acceitas geralmente, em diversas linguas, sem adhesão ao credo positivo. Porque, pois, se revoltar contra a divisa politica, feita com palavras communs, de sentido universal? Só um deslize vulgar de triste ignorancia ou a malevolencia de um partidarismo cego poderá attribuir ao lemma da bandeira um symbolismo sectario, que o torne inacceitavel a quem não seja positivista.

Os partidarios de credos diversos acceitam o *calendario gregoriano*, com as *férias*, *feiras* ou *festas* da semana; acceitam os inventos de seus adversarios

---

(16) Em 1861 houve no Maranhão uma folha com o titulo *Ordem e Progresso*, orgam do partido progressista, redigido por Joaquim Serra, Gentil Braga e Belfort Roxo. Com mais trabalho e pesquiza minuciosa, poderia citar o uso commum desta expressão, que na linguagem universal syntheticamente corresponde a um instituto essencial de qualquer organização politica.

(V. Blacke, Dicc. Bibliographico, IV, 201).

quaesquer e vivem á custa das gerações hereticas, judaicas ou pagãs, que na vida os precederam. Porque não acceitar na bandeira o que na vida real ninguem póde rejeitar?

* * *

Aos que precisam contemplar alheios exemplos, para nelles assentar a legitimidade das reformas caseiras, aqui offereço mais alguns casos edificantes.

Não é mistér subtileza e basta certa penetração philosophica para vêr a legenda *Ordem e Progresso* nas divisas que compõem as armas da Grã Bretanha, da Belgica e da Colombia.

Na primeira, o *Dieu et mon droit*, apeando-se do autoritarismo theocratico, póde representar a *Ordem* na estabilidade do typo divino e o *Progresso* no *direito,* que resulta de evolução, de sociedade progredida, adeantada. *L'union fait la force* é a empreza heraldica dos belgas e póde symbolizar *Ordem* na *união*, como a *força* deve indicar *progresso*, porque o aperfeiçoamento deve resultar da communhão fraterna, como força que melhor a consolida. Augusto Comte disse: "L'amour cherche l'ordre et pousse au progrès... et le progrès ramène à l'amour".

As armas dos Estados Unidos da America estão postas no pavilhão do presidente e ahi se inscreve a divisa—*E pluribus unum,* isto é, *ordem* pela *unidade*, que argúe *fixidez* definida, ou *synthese*; e *progresso*, pela *evolução* que o *plural* claramente symboliza no conjunto *coordenado*. E' uma *aguia heraldica* (éployée,

de azas distensas) que no bico sustém a lista ou listão da divisa e nas garras traz os dubios symbolos da paz e da guerra (numa um ramo de oliveira, noutra um mólho de settas). Timbra-a um céu estrellado (com 13 estrellas),—symbolo mais alto, mais nobre que justamente domina em nosso pavilhão soberbo.

Finalmente, a Colombia quasi attingiu a mesma expressão de nossa legenda, quando instituiu seu motto —*Liberdad i Orden*—, porque a *liberdade* é indispensavel condição do progresso.

Mas nossos exigentes patricios não precisam ir muito longe para ter uma tradição que mais autorize nosso já nobilissimo lemma politico. A *Inconfidencia mineira* já propozera o—*Libertas quœ sera tamen*, onde o *sera* representa a lentidão calma e conservadora dos elementos ordeiros de nossas camadas sociaes, e *Libertas* já é *progresso*, porque só *anda, se evolve* o que está *livre*...

*
* *

Determinada a alta nobreza a que se remonta nossa bandeira, vejamos como a linguagem heraldica teve que exprimir seus elementos constitutivos.

A arte do brazão, a heraldica, para compôr as *armas* de um paiz, de uma cidade ou de uma familia, dispõe de *escudo*, de *côres* (metaes ou esmaltes) e *figuras* (córtes, recórtes, partições, desenhos ou pinturas no escudo). Si á heraldica faltassem expressões para os novos symbolos,—teriamos que fazer ahi o que na linguagem commum geralmente se faz:

criariamos *neologismos* ou dariamos mais extensão a termos antigos. Mas eu vou mostrar brevemente, e para quem este caso interessa, que a heraldica fundamentalmente justifica até a malsinada, pretensa inversão do céu gravado em nossa bandeira.

De facto, a primeira convenção da heraldica é *brazonar* figurando o escudo, o campo do brazão, adaptado á symetria do corpo humano, que elle protege (como o globo molda, reflecte o céu que está representando). Quem olha o escudo tem que chamar direita *(dextra)* á sua esquerda *(sestra)* e *vice-versa.*

Outra regra é haver escudo *revestido*, isto é, com um lozango, ou haver mesmo um escudo em fórma de lozango ou *lizonja*, como diziam nossos maiores. Tal escudo era usado pelas Damas, pelas Donzellas e é mui adaptado a nossa Patria,—*Mater* querida, Dama de nossos pensamentos, a quem devemos amar e servir, como cidadãos cavalleirosos.

Mais uma regra é dividir as côres em metaes (*ouro* ou amarello e *prata* ou branco) e esmaltes (*azul*, *sinople* ou verde, *góles* ou vermelho, *sable* ou negro, *purpura* ou violeta): não se admitte *esmalte* sobre *esmalte* nem *metal* sobre *metal*. Os bezantes, como os da bandeira portugueza, só podem ser de metal. Os *roeis* ou *arruellas*,—os globos, pélas ou *bolas* (*tourteaux*),—só podem ser de esmalte, como o azul de nosso globo. Em rigor, os *pontos* brancos das quinas portuguezas são *bezantes* e não se podem chamar *arruellas*. E o escudo italiano não devêra ter *góles* sobre azul. Só fôra toleravel essa disposição em peças de *quebras*, nas *cosidas em chefe*, ou sobre-

cosidas, contrapostas, como os *veiros* e *contraveiros*. Tambem na bandeira imperial, o *azul* não devia estar sobre o *sinople*.

As figuras podem ser corpos naturaes, podem ser astros, animaes, castellos e até utensilios de cozinha, como a *Sartago*, sartã ou frigideira que se vê no brazão de armas da Villa de Certã (Portugal)...

Ora, tudo isso dispensa o mais que numa grammatica heraldica se póde ver (palas, bandas, quarteis, veiros, timbres, etc.) e basta a justificar a legitimidade heraldica de nossa bandeira, que nenhuma de taes regras quebrantou, podendo-o fazer como symbolo novo, como armas *à enquerre* (17). E' o que podemos ver pela descripção que vou fazer em linguagem heraldica, um pouco simplificada. Nossa bandeira é:

Em campo de sinople lozango de ouro, carregado no centro de um globo ou roel azul, com letras de sinople em faixa de prata, ondeando obliqua da direita para esquerda; e 21 estrellas, das quaes cinco formam o Cruzeiro em pala (a passar no meridiano) *e as mais lhe estão acostadas, sobrepujando-o ou sobrepujadas por elle, como em seguida se enumeram:*

1.º) Triangularmente se acham tres á esquerda e abaixo (*esquerda* heraldica e celeste) e uma pequenina, a *polar*, abaixo;

---

(17) V. especialmente *Grammaire heraldique* de H. GOURDON DE GENOUILLAC. A expressão—*armas à enquerre*—significa *armas a examinar, a inquirir*, e são os brazões que fogem ás regras estabelecidas pela heraldica. Os brazões do seculo XII, como o de Affonso Henriques, são muitas vezes *armarias à enquerre*, porque não podiam respeitar as regras de uma arte que só então começou a formar-se.

2.°) Mais á esquerda, oito da constellação de *Scorpius* e acima da faixa uma, a *Spica Virginis;*

3.°) Abaixo da faixa e á direita, uma, *Procyon;* outra mais abaixo, *Sirius;* e finalmente, mais abaixo, outra, *Canopus,* todas formando entre si um angulo muito obtuso.

*
* *

Não querendo alongar demasiado este capitulo, só farei uma observação mais, para legitimar de vez o dezenho de nossa bandeira.

Todos sabem que a linguagem escrita veiu do dezenho e que nem sempre nossos antepassados escreveram da esquerda para a direita. Ainda hoje talvez a maior parte da Humanidade—na China, no Japão, na Turquia especialmente--conserva o sentido da escrita ideographista,—hieratica ou hieroglyphica,—a que vae da direita para a esquerda.

A passagem do *phonographismo* copto-phenicio para o *alphabetismo* greco-latino mudou o sentido da escrita. Antes, a escultura, a pintura, o dezenho ideographico forçava a direcção da direita para a esquerda e mesmo de cima para baixo, obedecendo ao traço do pincel, conforme se vê na escrita chineza. Veiu depois a escritura *bustrophédon* (*Βουστροφηδόν*, de *Βοῦς=boi* e *στρέφω=volto),*—a escritura que vae alternadamente de um a outro sentido, como na lavoura fazem os bois. Essa foi a escritura intermediaria e nos deu finalmente o sentido que entre nós prevaleceu com o alphabetismo.

A heraldica, sendo uma especie de ideographismo, naturalmente conserva um *aspecto invertido* em seus traços symbolicos ou figurativos. E si na maior parte da especie humana esse *inverso* tem sido o *direito* para a escritura ideographista, porque nos revoltarmos contra seu uso no traço symbolico, heraldico, ideographico de uma bandeira?

Nas armas da Turquia, o *menisco* ou *crescente* e a *estrella* que o acompanha, estão visivelmente traçados no sentido primitivo de sua escritura semitica. As pontas estão voltadas para a parte *sestra* (esquerda do observador) e o menisco é *contorcido* ou torto, *contourné,* como diria nossa heraldica, quando *brazonasse* as armas turquescas (18).

Esta repulsão póde parecer igual á que surgiu entre a *cruz* e o *crescente,* dando em resultado a separação do mundo civilizado em duas porções irreconciliadas, dirigidas respectivamente pelos dous labaros rivaes. Tambem o Catholicismo acha *direito* que a bellissima palavra *religião* só se applique ao systema seu. Isso, porém, não impede que o vocabulo designe todo o systema dogmatico, cultual e de regimen que intente disciplinar-nos duplamente em nossa natureza e em communhão com nossos semelhantes.

Este relativismo nos guiará nas observações estheticas e finaes, que em seguida vamos fazer.

* * *

---

(18) Em CAMÕES se encontra *sestra mão*=mão esquerda, contrapondo-se a *dextra, dextra mão,* ainda corrente (*Lusiadas,* IV).

De gustibus et coloribus non disputandum, sentenciavam os mesmos dialecticos da idade média. E, em verdade, não vale disputar quando os contendores divergem nos principios basicos. Para se chegar a uma solução real, quando se ventilam questões de gosto, de arte, de esthetica, é preciso que os opinantes adoptem principios communs.

Si não acceitamos uma base commum para a noção do bello, como chegaremos a accordo sobre a belleza de uma obra esthetica? Um monarchista e um republicano podem achar igualmente bella a Republica e suas instituições quaesquer? Como havemos discutir a belleza de uma bandeira com quem renega os liberaes, os largos, universaes principios que a instituiram?

Eu comprehendo e respeito os sentimentos, os motivos desse desgosto pelas côres, pelos symbolos novos da bandeira, assim evolutivamente melhorada. E' um sentimento de *ordem,* de *conservação,* que ás vezes se exaggera, persiste de mais e atraza o *progresso.* E', porém, nobre e é necessario, em dóse normal, como base de nosso aperfeiçoamento. Só *progride,* só se *aperfeiçôa* o que existe *conservado,* em *ordem. Conservar, melhorando*--é outra expressão do lemma de nossa bandeira.

A resistencia de nossos adversarios, e dignos irmãos na Patria, mostra assim praticamente a verdade de um lemma, que seus habitos repugnam em nosso auriverde pendão. Mas a vida é cheia de sacrificios continuos. O progresso antes de tudo é mudança,—para melhor, é verdade,—mas sempre mudança, que desarranja nossas commodidades, nossas

imagens assentadas. Demos tempo ao tempo: uma activa resignação consolidará os animos, os sentimentos de nossos compatriotas e elles, talvez com mais firmeza que os novos, chegarão a ver melhor a belleza de nossa bandeira.

Todos os homens de bem convirão commigo em que as fontes da vera belleza estão nos sentimentos bons, especialmente despertados. A arte tem por fim encantar e melhorar a especie humana, commovendo-lhe o animo no que ahi houver de mais suave, de mais affectivo, de mais nobre. Para isto são necessarias imagens, que da realidade nos levem á alma as impressões commovedoras. Não é a simples representação da realidade que nos commove. Essa representação é impossivel sem o concurso da idealidade, do espelho subjectivo que fórma, que reflecte as imagens.

Tudo quanto concebemos e exprimimos é ao mesmo passo subjectivo e objectivo, ideal e real. O pretenso *realismo* ou *verismo* puro é as mais das vezes uma grossa immoralidade. Não ha verdade sem um cerebro que a conceba, que a *imagine* e a expresse com a palavra colorida, impregnada de nossa subjectividade. Quem concebe, quem medita, necessariamente, fatalmente idealiza. Porque então só idealizar para polir, rememorar baixezas, cultivando o mal, corrompendo nossos pendores bons?

Só é arte o que idealiza para cultivar o bem, para nos aperfeiçoar, para trabalhar em pról de

outrem, da Familia e da Patria, da especie humana, em seu conjunto selecto—a Humanidade. O *bello* existe sempre pelo *bem* e para o bem.

Mesmo quando a *verdade* não está assentada, a só emoção do bem nos leva a um *verdadeiro* que satisfaz. E' por isso que tantos adversarios se abraçam no terreno das affeições bondosas, embora ainda digladiem em pontos de principios. Este digladiar as mais das vezes fica esteril; mas o enlace fraternal, o cultivo dos affectos benevolos, o concurso sympathico é sempre cheio de beneficios.

Ora, ao som destes affectuosos e reaes principios, ha brazileiro que renegue a belleza de um symbolo, onde tão claramente, tão integralmente a Patria se encarna?

Imagem bella é a que nos penetra e nos emociona com a lembrança de um objecto querido. Imagem bella é o quadro que emmoldura no cerebro uma doce emoção, e nos olhos ás vezes faz rorejar o fecundante orvalho das lagrimas.

Quem, longe da Patria, expozer como eu, o aspecto dessa bandeira, é impossivel que se não enterneça, deslembrando mesquinhas querelas de um partidarismo, que é sempre estreito. Então se verá quanto os symbolos levantados nos aperfeiçoam; então se reconhecerá quanto são nobres e bellos os symbolos de nossa bandeira.

A nostalgia da ausencia é o dantesco *Eunoé,*—o restituidor de todas as ternas lembranças, que o partidarismo presente nos amortece ou inquina.

Mas porque a boa vontade, a energia civica não devem reagir para uma conciliação necessaria e salutar? Na idealização das cousas, nossa vontade actúa para só escolher os attributos, as qualidades sãs e palliar, detergir ou annullar os aspectos secundarios ou insalubres. Ora, no symbolo da Patria, o partidarismo vão só descobre falhas *partidarias:* não aponta UM SÓ attributo indigno de nossa comtemplação.

Porque, pois, se persiste em não apagar a memoria de nossos reciprocos peccadilhos partidarios, para só avivar a lembrança dos muitos bens que na convivencia patria fazemos ou nos reciprocamos forçosamente?

Dante, o mistico, o religioso Dante, aconselhou poeticamente essa cura, esse remedio conciliativo. Elle imaginou dois rios no Purgatorio,—o Lethes e o Eunoé,—cuja agua de uma parte,

... con virtú discende
Che toglie altrui memoria del peccato;
Dall'altra d'ogni ben fatto la rende.
Quinci Leté, cosi dall'altro lato
Eunoé si chiama; e non adopra
Se quinci e quindi pria non è gustato (19).
(Purgatorio, XXVIII).

---

(19)

Aqui, a lympha com virtude flúe
De apagar a memoria do peccado;
Ali, só para os bens a restitúe.
Lethes aqui se chama; de outro lado,
Eunoé mais propriamente; e só se cura
Quem numa e noutra fonte houver provado.

Lethe, Lehtes vem de Λήθη=*olvido, esquecimento*
Eunoé, de Εὔνοια= *benevolencia, boa intenção, boa mente.*

Si o alevantado destas significações póde ás vezes escapar aos espiritos menos atilados, certamente lhes não escaparão os symbolos geographicos, que lembram as bellezas naturaes da Patria. Estas a todos devem emocionar, pois sómente exigem as imagens simples que desperta em nós o simples amor ao berço natalicio.

Por amor de todos, acabarei esta exposição mostrando como a lembrança do Amazonas, do "*equador visivel*",—symbolizado na faixa ondeante,—nos leva a uma rememoração completa do Brazil inteiro e do continente, em que elle se engasta como joia preciosissima.

O systema fluvial do Amazonas póde prolongar-se realmente do Orinoco e Essequibo, na Venezuela e na Guyana Ingleza, até ao estuario do Prata. Pascal dizia que "*les rivières sont des chemins qui marchent*". E' isto ainda uma grande verdade, quaesquer que sejam os progressos ferroviarios e da viação em geral.

Si melhorarmos nossos rios, vencendo corredeiras por meio de canaes ou ferrovias intermediarias, o Amazonas póde fornecer-nos uma real imagem do Brazil inteiro e até de uma quadrupla ou quintupla alliança continental, em prol do *monroismo defensivo, pacifico.*

No Rio Negro, pelo canal de Cassiquiari, já chegámos á foz do Orinoco, e pelo Rio Branco, por seu affluente o Tacutú, chegaremos naturalmente ao Essequibo, na Guyana Ingleza. Pelo Rio Alegre, affluente do Guaporé, ou por um affluente do alto Tapajoz, e pelo Aguapehy, affluente do Jaurú ou pelo

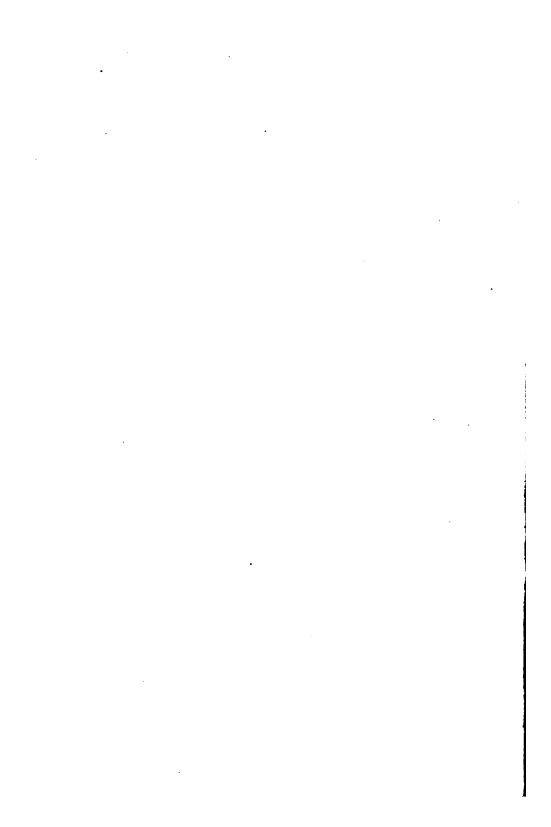
Cuyabá, ambos do Paraguay,—é conceptivel physicamente uma communicação fluvial ininterrompida, do Norte ao Sul de nosso continente, e graças ao nosso incomparavel Amazonas, que a faixa da bandeira claramente recorda.

Si esta imponente imagem physica ainda não satisfizer a alguns adversarios de nossa bandeira, só nos resta esperar melhores tempos e cada vez mais dedicar nossos esforços em prol da instrucção popular. Que meus bons alumnos me substituam melhormente nessa tarefa, que terei de afrouxar em breve. Assim, a bandeira fica sendo para todos nós um motto sagrado, que nos impulsa a uma continua dedicação pelo porvir de nossa terra, pelo porvir de seus dignos filhos.

Quando taes esforços forem coroados de um merecido triumpho, estou certo de que todos os nobilissimos symbolos da bandeira serão por todos conscientemente estimados. Muitos talvez não possam então comprehender como o acerto, a legitimidade e belleza de taes symbolos chegaram a ser asperamente discutidos nos tempos actuaes.

Felizmente, a viridente esperança nunca deixará de nos fazer preluzir os aureos tempos do porvir. Por elle trabalhemos e nelle esperemos sempre.

NOTAS FINAES

I

Ordem e progresso

Apraz-me registrar aqui dous valiosos testemunhos em pról de nossa admiravel divisa politica. São as referencias que adeante transcrevo de dous bellos discursos proferidos em Pariz e no Rio pelos distintos diplomatas DR. GABRIEL DE TOLEDO PIZA e Mr, LLOYD GRISCOM.

Em seu discurso de 22 de outubro de 1906, disse meu caro amigo dr. G. de Piza, dirigindo-se ao *Maire* e ao Vice-presidente da Camara de Commercio do Havre:

"Laissez-moi vous dire, Messieurs, que notre jeune marine est digne de votre sympathie et de votre cordialité.

Le drapeau qu'elle conduit partout et que nous aimons profondément, a une inscription superbe, que nous devons au génie le plus puissant de votre philosophie et au cœur le plus noble et le plus généreux qu'ait vu naître votre beau et grand pays de France.....

Cette inscription est une promesse solennelle faite à nous mêmes et au monde, promesse pleine de de-

voirs et de responsabilités. C'est la promesse de toujours travailler en paix et de produire pour notre bien être et pour le bien être du monde. C'est, Messieurs, une promesse lourde de devoirs et une noble suggestion faites avec la conscience la plus profonde de notre situation et de notre responsabilité devant le passé et devant l'avenir.....

Aujourd'hui, grâce au progrès de la raison nationale, nous sommes en République: République présidentielle, laïque et libérale, vouée à la paix et au travail.....

Notre idéal est humain, purement humain, mais par cela même grand, noble et beau. Notre foi démontrable est traduite par l'inscription de notre drapeau: *Ordre et Progrès,*—l'ordre comme condition essentielle du progrès, le progrès comme développement naturel et spontané de l'ordre. A côté de ces deux mots, il y a le plus grand et le plus puissant de tous: l'amour, l'amour pour principe, et l'ordre pour base; le progrès pour but (20).

Cette formule, que nous aimons du fond du cœur, notre marine la promène partout, elle la fait aimer de tous dans ses voyages d'instruction. Elle l'offre comme la garantie de notre progrès moral et de notre volonté de contribuer, dans la mesure de nos forces modestes, au bien des contemporains et de la postérité.

Nous voulons en effet, Messieurs, l'ordre et le progrès, non par la guerre, qui est un élément de destruction sociale, mais par la paix, qui nous procure l'occasion de cultiver nos nobles facultés, et par

---

(20) Fôra interessante e util approximar etymologicamente o latim *ordo, ordinis* do grego ὀρθός=*justo, verdadeiro, razoavel*. A raiz *or*=Oρ liga-se ao sánscrito *ard* e *rud, ruh,* com a idéa de *crescrer, subir, elevar-se*. A tal raiz se poderia juntar *ar, hard, kard,* donde καρδία, *cor, cordis* e *coração*. Assim mostrariamos como a linguagem é um espelho da evolução humana, e como nesta tudo se liga num conjunto harmonico, embora rude ás vezes ou de coordenação imperfeita.

l'amour, qui est un sentiment créateur, organique et généreux.

Nous avons donc fait une promesse: mais c'est une promesse pleine de responsabilité et de devoirs; nous avons posé un idéal: mais c'est un grand et sublime idéal.

Nous voulons le travail sous toutes ses formes, au milieu de la paix; nous voulons le progrès sous tous ses aspects: matériel, intellectuel et moral. Nous voulons travailler pour la grandeur de notre Patrie et pour le bien de l'Humanité".

* * *

A essas nobres palavras juntem-se as do sympathico representante de um opulentissimo paiz, que, no dizer do eminente estadista Elihu Root, "não quer outras victorias que não sejam as da paz; outro territorio além do seu e outra soberania que não seja a soberania sobre elle mesmo".

Citando estas palavras, Mr. Griscom desenvolve-as e termina seu discurso condensando em nossa divisa os ideaes dos dous povos amigos.

"Felizmente, conclue Mr. Griscom, felizmente para as futuras relações entre os dois paizes, os ideaes politicos são os mesmos, e póde-se garantir que será sempre nosso objectivo justificar a confiança tão francamente expressa pela Camara dos Deputados em sua mensagem ao sr. Root, em que a politica de que elle era o interprete "seria sempre inspirada pelos immortaes principios da Liberdade e Ordem, Justiça e Paz", que tão bem foram condensados na divisa de vossa bandeira—*Ordem e Progresso*".

* * *

Ouvindo e lendo os discursos de Mr. Root e de Mr. Griscom, a gente vê que um sopro de fraternidade universal tende a dominar o mundo. Foi assim pensando que, na Escola Normal, offereci a ambos uma pequena lembrança com esta dedicatoria:

"Souvenir d'un américain,—brésilien et *paulista*, qui aime à voir dans notre politique de ralliement continental la puissante, l'incoercible expansion vers un ralliement universel de tous les peuples".

II

Uma pretensa opinião da Societé Astronomique de France

Tem-se procurado sustentar que nossa bandeira está com os polos invertidos e que assim o julgou a *Societé Astronomique de France.*

Não é verdade. Trata-se de uma resposta que a REVISTA *L'astronomie,* na capa, na secção *Correspondance,* deu a um consulente do Brasil, o SR. ANTÃO VASCONCELLOS, e de accôrdo com sua pergunta especial. O consulente perguntou si o *Cruzeiro,* estando sob a faixa equatorial, "est à l'envers pour les habitants du Brésil". Ao mesmo tempo o correspondente, com insciencia notoria e deficiente conhecimento de um phenomeno vulgar,—perguntou porque a *parte* eclipsada é *visivel nos eclipses lunares.* Eis a resposta integral que lhe deu o redactor de *l'Astronomie,* em janeiro de 1893:

"M. ANTÃO DE VASCONCELLOS, à Rio de Janeiro.—

1.° Vous avez parfaitement raison, le drapeau du Brésil, portant la croix du Sud au-dessous de sa bande équatoriale, est á l'envers pour les habitants du Brésil. Cependant le dessin peut se justifier, parce qu'on

a l'habitude de représenter le globe terrestre avec le Nord en haut, la civilisation étant venue de l'hémisphère boréal.

Logiquement, les habitants de l'hémisphère austral devraient mettre le Sud en haut.

2.º Si la partie éclipsée de la Lune est visible pendant les éclipses, c'est parce que les rayons solaires vont encore l'éclairer faiblement, en se refractant à travers l'atmosphère qui entoure le globe terrestre".

A *Société* publica um *Bulletin*, que continuou a revista *l'Astronomie,* depois de sua extinção em 1894. Quando estive em Paris pela 2.ª vez, em 1905, escolheram-me socio dessa instituição, e ahi devia eu expôr, a 6 de dezembro, em uma *causerie,* o aspecto astronomico de nossa bandeira.

Minha partida, a 2, impediu-me a realização dessa palestra, que pretendo transformar em um artigo, para remetter com este livro.

Aos que de boa fé conheçam e possam ventilar esta questão, basta quanto demonstrei ás pags. 47, 79 e 82 sobre a inversão de sentidos nos dezenhos cartographicos, astronomicos, heraldicos e mesmo alphabeticos. Ninguem até hoje reclamou porque os mappas em nosso hemispherio são dezenhados com o norte para cima.

No hemispherio sul, tambem deviam reclamar contra o uso do vocabulo *meio-dia* ou *meridional= austral,* pois ahi, na zona temperada, o meio dia se dá quando o sol está culminando ao norte.

No Brazil inteiro a reclamação mais esdruxula se tornaria, porque em verdade não ha sentido exacto para o meio dia de povos ascios e amphiscios. Para estes, para os bahianos que energicamente defenderam nosso pavilhão, o sol culmina de ambos os lados de seu zenit ou neste mesmo, duas vezes ao anno.

III

A historia da bandeira portugueza

Com esta epigraphe, o *Jornal do Commercio* transcreveu um artigo do jornal portuguez *Diario de Noticias*. Nelle se confessa haver "poucos ou nenhuns elementos para descrever as transformações por que tem passado a bandeira portugueza".

Entre as indicações mais ou menos vagas que ahi se lem, notamos as seguintes para corroborar quanto dissemos no Cap. I da 2.ª p.:

1.) Em meado do seculo XVIII, affirmava Antonio de Lemos Faria e Castro (*Politica moral e civil,* tomo V) que o "pavilhão para converter a America" tinha "no meio uma esphera de ouro com zodiaco vermelho". O "pavilhão ordinario" era "roto em bandas diagonaes de azul, branco e vermelho, no meio de uma cruz potente (1) de negro e no quartel superior outra cruz de branco".

---

(1) *Potente e potentea* (*potencée* ou potenciada), em termo de brazão, é attributo da cruz que tem os braços em fórma de T (☩). Só em Moraes se me deparou o termo e com definição erronea Constancio copía Moraes, sem o corrigir. Vieira copía Constancio ou Moraes, dizendo que t. do braz. (termo do brazão) é termo do Brazil (!).

2.) Das bandeiras de Affonso Henriques, D. Manuel, D. João III e D. João IV havia exemplares no guarda-roupa Cruz (Lisboa) e foram expostos a 9 de outubro de 1867, ao inaugurar-se o monumento a Luiz de Camões. A 1.ª "era branca, tendo no centro cinco escudos com as cinco chagas cada um (?)". A 2.ª, branca tambem, tinha "no centro a cruz de Christo (?) e sobre esta as armas reaes sem corôa". A 3.ª, de D. João III, só differia da 2.ª em ter corôa nas armas reaes, sem a cruz (que D. João II alterára). "A bandeira de D. João IV era branca, orlada de azul, com as armas reaes e corôa".

3.) Em algumas bandeiras e estandartes nota-se a côr verde. O "pavilhão mercante, em 1749, era cortado em sete faixas horizontaes, quatro de verde e tres brancas". "Um manuscrito, feito em 1669, e existente na bibliotheca da Ajuda, apresenta o pavilhão portuguez com a côr verde e no centro as armas reaes". "O pendão da *Ala dos Namorados* era verde, tendo no centro uma imagem da Senhora da Conceição e o lemma:

POR NOSSA TERRA E POR NOSSAS DAMAS".

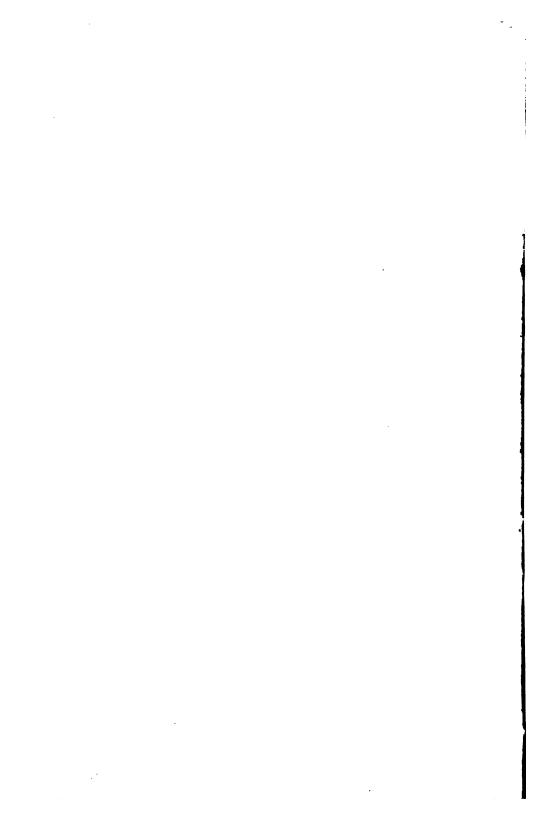
Finalmente, "antes das côrtes geraes extraordinarias e constituintes de 1821, a bandeira era branca, com as armas reaes no centro; mas na sessão de 21 de agosto desse anno, approvando-se a proposta do deputado Trigoso, decretou-se que a bandeira fosse azul e branca, *cores empregadas no escudo de Affonso Henriques*".

A queda do regimen constitucional acarretou o restabelecimento da antiga bandeira, até que o decreto de 18 de outubro de 1830 de novo instituiu a bandeira de 1821, consagrando mais uma vez as cores nacionaes de Portugal.

Estas notas reforçam quanto expuzemos e dão raizes tradicionaes á mesma côr verde de nosso pavi-

lhão. Sully Prudhomme, cantando Vasco da Gama em suas *Epaves*, e dizendo-lhe

Ton fier pays nous doit sa première oriflamme,

podia referir-se não só ao *branco* da realeza de França, mas tambem ao *azul* que, em campo de prata, coloria a cruz do Conde Henrique, directo descendente dos *Capetos*.

Advertencia final

Por difficuldades graphicas e economicas, retardei muito a distribuição final deste opusculo, cuja primeira parte sahiu ha um anno.

Pretendia appensar aqui uma nota sobre a orthographia da palavra Brazil (com **z**). Sua extensão, porém, alargaria demais o quadro destas notas. Brevemente a imprimirei num folheto separado.

As condições economicas de nosso caro torrão continuam a pesar em nosso progresso educativo. A nota inicial deste trabalho é assim praticamente confirmada por esta final advertencia.

S. Paulo, novembro, 1908.

JOSÉ FELICIANO

Endereço: Caixa postal, 216.

INDICE